Núm. 22

29-5-1952

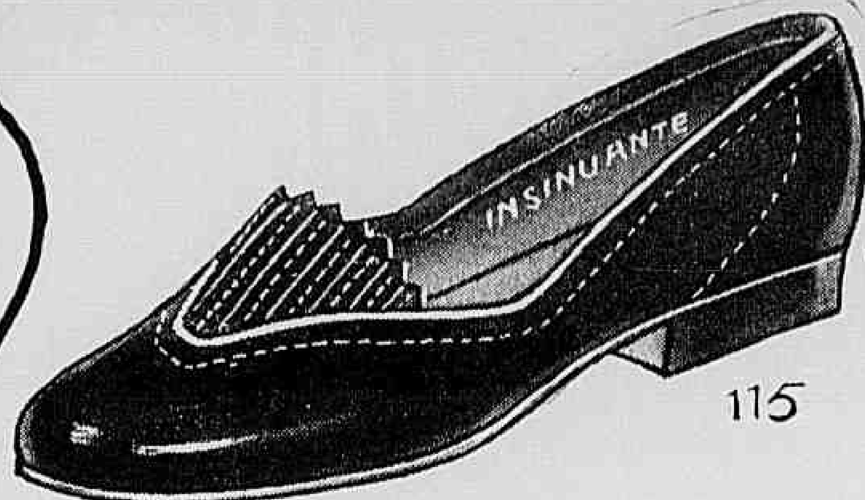
a cena muda

CR$ 3,00
EM TODO
O BRASIL





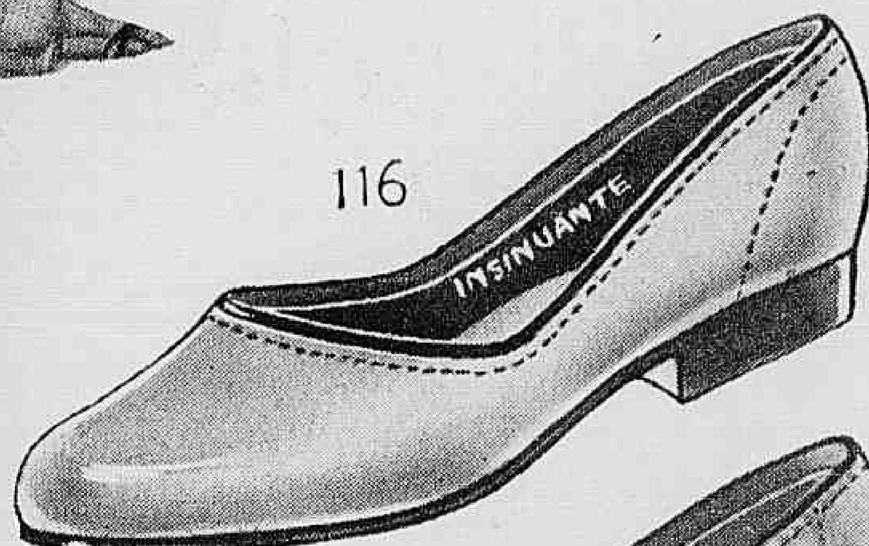
Creações de
Mister JAMES
PARA A SAPATARIA MAIS
QUERIDA DA CIDADE!



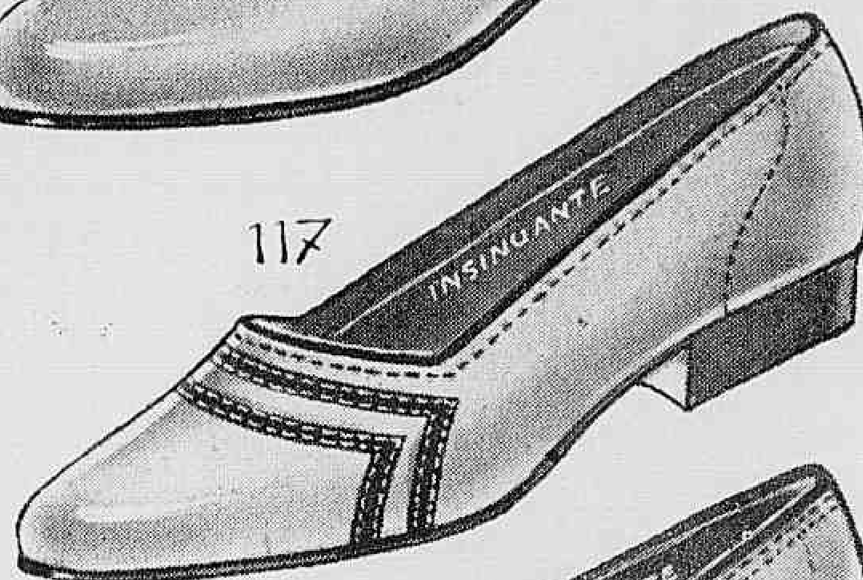
115

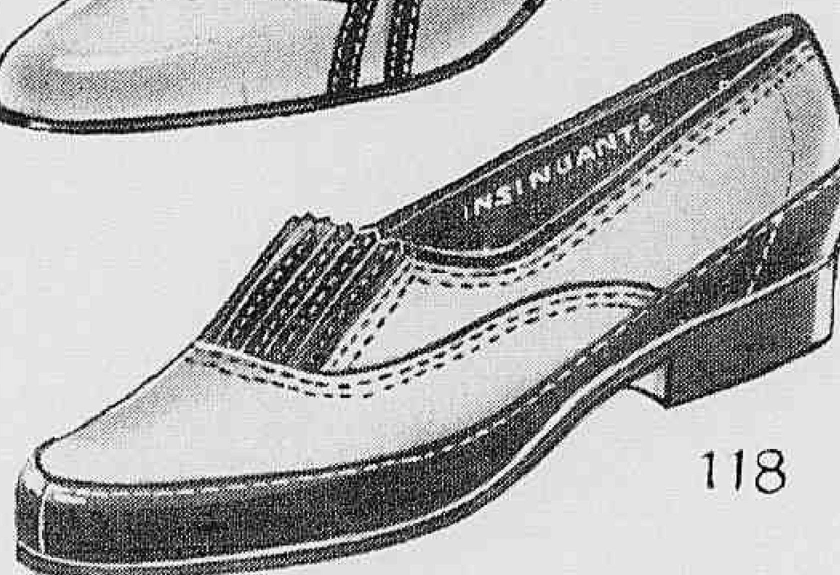


116



117





118

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL PORTE POR PAR 5 CRUZEIROS
NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO

Em diversas côres e combinações numeração de 32 a 38

AT. SEMOG/.

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.

CARIOCA, 46-48 – SETE SETEMBRO, 199-201

NO MUNDO DO CINEMA



Procedente de Montego Bay (Jamaica), chegam a Londres Laurence Olivier e Vivian Leigh, onde passaram suas férias após sua temporada na América. Ontem, como hoje, o casal Olivier vive muito feliz. — (Foto B.O.A.C.)

● MARI ALDON é a mais nova "estrêla" dos estúdios da Warner Bros. tendo estreado ao lado de Gary Cooper em **"Tambores Distantes"** (Distant Drums), e por ter sido muito feliz com seu desempenho nêsse filme, lhe deram outro papel em **"A Tragédia Do Meu Destino"** (This Woman is Dangerous), cuja "estrêla" e a famosíssima Joan Crawford...

● Uma divisão de artilharia desfilou pelo Boulevard de Hollywood no dia da "premiére" de "**Arrancada Final**" (The Tanks are Coming), que tem nos papéis centrais **Steve Cochran** e Philip Carey...

● Do BOM MOÇO E SIMPÁTICO ator Steve Cochran se diz em Hollywood que êle confessou não necessitar de almanaque para saber qual o dia da semana, pois olhando a côr de seu famoso cão Tschaikowsky sabe se é segunda-feira ou terça, de acôrdo com o tom cinza do pêlo... O animal é branco como a neve e aos sábados fica quase imaculado depois do banho que lhe dão, porém com o passar dos dias vai escurecendo...

● JAMES CAGNEY DEU UM estrilo em alguns colegas displicentes dizendo que no seu tempo os atôres eram mais conscientes de suas responsabilidades e recordou então a época em que fêz parte do Teatro Century como componente do côro... Hoje é famoso em Hollywood e no mundo inteiro e seu filme mais recente na Warner é **"Degração Humana"** (Come Fill the Cup), onde interpreta um homem abatido pelo vício da bebida...

● O MATRIMÔNIO DA MUITO linda Ruth Roman, "estrêla" de **"A Vida Começa Amanhã"** (Tomorrow is Another Day), quase não dava certo, pois o cãozinho da artista por nada deste mundo queria conversa com Mortimer Hall, o marido... Foi preciso que Ruth enviasse o animal para um asilo onde lhe ensinaram a gostar do novo dono...

● VIRGINIA MAYO posou há pouco tempo para o escultor Salamunich que preparava um busto para decorar o iate de um milionário francês...

● PARA AS FILMAGENS DE "O Pirata Sangrento" (The Crimson Pirate) que a Warner Bros. filma atualmente com Burt Lancaster, na Itália, foram concedidas pelo Govêrno italiano muitas vantagens aos produtores, como por exemplo, a permissão para um contato diário por meio de rádio entre os estúdios e os barcos em ação...

● DENIS MORGAN QUE até bem pouco tempo fazia papéis de cantor, parece que envereda por outro caminho, tendo mesmo interpretado há algum tempo um papel sério em "Duas Almas, dois Destinos" (Perfect Stranger's), com Ginger Rogers. Agora êle aparece em **"A Tragédia do Meu Destino"** (This Woman is Dangerous), ao lado de Joan Crawford. Trata-se de um filme fortemente dramático e dentro das características das películas anteriores da famosa "estrêla..."

● PHYLLIS TAXTER anda muito contente com a perspectiva de ter na família uma atriz. Sua filhinha que antes não demonstrara qualquer interêsse pela carreira tormentosa da mamãe, agora visitava constantemente nos estúdios onde ela filma **"Domador de Motins"** (Fort Worth), ao lado de Randolph Scott e David Brian... Na verdade o interêsse da pequena que conta apenas cinco anos de idade são os trajes de vaqueiro que usa Randolph Scott... Phyllis chegou a surpreendê-la batendo palmas ao assistir uma cena em que Randolph montava veloz um cavalo garboso...

● OS "FAS" DA MÚSICA ficaram imensamente satisfeitos com a notícia de que a gravadora americana "DECCA" apresentará um album contendo a partitura de **"Uma Rua Chamada Pecado"** (A Streetcar Named Desire), que compôs Alex North para êsse drama intensamente humano e realista.

● AS MAIORES CELEBRIDADES dos estúdios da Warner Bros. aparecem como convidados em **"Estrêlas em Desfile"** (Starlift), super-filme musical que promete ser o maior espetáculo no gênero já produzido em Burbank. Nomes como James Cagney, Gary Cooper, Virginia Mayo, Doris Day, Ruth Roman, Gordon MacRay, Gene Nelson, Patrice Wymore e Jame Wyman fazem parte do elenco...





À esquerda vemos Tyrone Power Sr. ao lado de Nipo Strongheart, um índio autêntico. Nipo trabalhou com Tyrone Power Sr. no filme «Brave Heart», filmado em 1925 por Cecil B. DeMille. Hoje (à direita) é Tyrone Power Jr. quem tem o prazer de trabalhar ao lado de Nipo, 27 anos depois, onde o índio faz um papel semelhante ao que interpretou ao lado do pai do «astro». — (Foto 20th Fox)

O FASCÍNIO

"O "glamour" não é meu, mas da própria cidade."

DE HOLLYWOOD

De AVA GARDNER

PEDIRAM-ME que escrevesse algumas linhas sôbre "glamour", êsse vocábulo que muita gente associa com as atrizes cinematográficas.

Talvez tenham razão, mas tôda vez que alguém tem a bondade de empregar o termo quando se refere à minha pessoa, não sei porque, sinto muito uma espécia de calafrio. Pois não creio que esteja sendo aplicado devidamente.

O epíteto "glamour girl" implica luxo, lazer, emoções e, em suma, vida fácil. Ninguém associa "glamour" a um despertar às 6 da manhã, a um dia de 13 horas de trabalho, várias outras horas de estudo, obrigações domésticas e encontros de negócios.

Isso, contudo, é o que representa Hollywood para uma atriz.

Não, ao invés de empregar a palavra com referência a uma atriz, eu antes a empregaria para descrever — Hollywood.

Pois Hollywood, não resta dúvida, possui "glamour".

Não é possível imaginar outro lugar no mundo onde uma mocinha de interior, que nunca sonhou em representar, tenha oportunidade de ancançar fama e sucesso como atriz, e até mesmo chegar a contracenar com Clark Gable. Foi o que aconteceu comigo. Aparecemos juntos em "Estrêla do Destino" ("Lone Star").

Bem, Hollywood deu-me essa oportunidade — não só a mim, como inúmeras outras moças e rapazes também. Isso é o que chamo de "glamour".

E o mais notável de tudo é que Hollywood não se limita apenas pelas fronteiras de Los Angeles. O fascínio que é Hollywood não tem limites absolutamente. Está em tôda parte — pelo menos onde quer que exista gente. Até mesmo em North Carolina, onde nasci e me criei.

Com isto quero apenas dizer que Hollywood estende suas malhas para oferecer oportunidade. Conversando com atores e atrizes aqui, muitas vêzes surpreende-me o fato de que muitos dêles, como eu, não nutria nenhuma ambição de seguir a carreira dramática antes Hollywood descobrí-los. Robert Taylor, por exemplo, veio para a Califórnia a fim de ingressar no Pomona College e terminou entrando para o cinema, depois de aparecer numa peça do colégio.

John Hodiak era locutor de rádio em Detroit quando Hollywood lhe fêz um aceno. Dean Miller, um simpático novato da M. G. M., para começar na tela, teve apenas a sorte de viajar no mesmo trem em que ia Dore Schary, o manda-chuva da produção. Esther Williams fazia parte de uma companhia de "ballet" aquática em San Francisco quando um produtor cinematográfico a viu.

June Allyson e Van Jonhson mourejavam nos côros teatrais da Broadway quando começaram a atrair as atenções dos "caçadores de talentos".

E há dezenas de outros que Hallywood foi buscar muito longe de suas fronteiras.

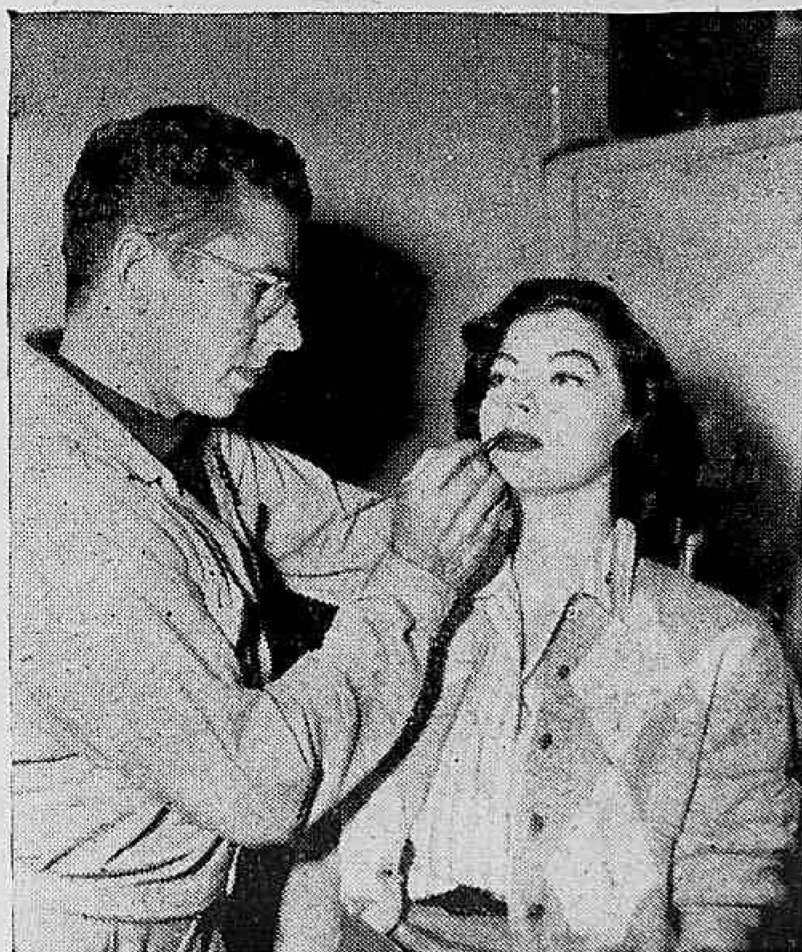
Quando mocinhas me escrevem pedindo conselhos sôbre como iniciar no cinema, sugiro-lhes sempre que fiquem bem longe de Hollywood. Se uma pequena sonha em tornar-se atriz, aconselho-a a estudar com afinco. Sugiro que faça todos os cursos para os quais encontre tempo, tôda matéria que a ajude a desenvolver sua personalidade.

Se Hollywood fôsse meu objetivo, e eu estivesse apenas começando, abraçaria qualquer

(Cont. na pág. 30)



Ava Gardner, considerada uma das mais lindas estrêlas do cinema, fala sôbre o «Glamour»



Charlie Schram, maquilador da Metro, é de opinião que o «make-up» em quase nada favorece a beleza de Ava



Tommy Tuttle, maquilador da Fox acha que Ava é a mais linda mulher do mundo. E Henry King (centro) parece concordar

O novo filme "O PIOR DOS PECADOS" (Brighton Rock), bateu todos os recordes no cinema Warner de Londres. E' o filme que obteve o maior sucesso desde a inauguração do referido cinema, há 10 anos atrás.

O filme foi recebido diferentemente pela imprensa de Londres; alguns críticos aplaudiram entusiàsticamente, outros com mais reserva. Todavia, o público consagrou-o, e isto é provado pelo seu sucesso de bilheteria. Na noite anterior ao seu lançamento em Londres, seus artistas invadiram a aldeia de Brighton, centro popular de vilegiatura à beira mar, para assistir à "avant-première" que teve lugar a meia-noite. Entre êles, podia-se notar: Richard Attenborough (que faz o papel de Pinkie, um jovem desviado de 17 anos, chefe de bando, caráter central do filme), William Hartnell, Hermione Baddeley, Harcourt Willi, Nigel Stock e Willi Watson. A jovem descoberta de 17 anos — Carol Marsh — que faz o papel trágico de espôsa (Rosa) de Attenborough, não pôde comparecer por estar no momento no sul da França onde estava filmando o papel de Alice, ni filme "Alice no país das maravilhas".

Apesar de o filme — baseado na novela de Graham Greene — retratar com o pior realismo o lado feio da vida em Brighton antes da guerra, êle foi sem dúvida recebido entusiàsticamente pelos habitantes da cidade. Três mil pessoas encheram o cinema local, o "Savoy", até as 2 horas da madrugada, enquanto outros muitos milhares atravancavam as ruas a fim de ver os artistas. Na noite de estréia em Londres, houve também a presença dos artistas e de altas personalidades tais como: Sir Stafford Cripps, o Chanceler do Exchequer, sua espôsa e outras celebridades políticas. O Inspetor-Chefe de Scotland Yard, o sr. Robert Fabien, famoso detective londrino, estava também presente. Êle teve que sentar tranquilamente e assistir, sem se manifestar a um crime cometido... na tela.

Ùltimamente, tem havido muita polêmica na imprensa inglêsa sôbre se o público prefere o realismo ou a ficção na tela. O sucesso alcançado por "O Pior dos Pecados" (Brighton Rock) parecer mostrar que as preferências do público vão, sem dúvida alguma, para os filmes realistas.

Drama de gangster. História forte baseada na célebre novela e peça de Graham Greene sôbre as façanhas de um gangster precoce, na Brighton de antes da guerra, que acredita ser um importante malandro. Conserva tôda a fôrça do original tanto na violência das ações como nas tensões poderosas, desenvolvendo-se na atmosfera do mundo subterrâneo da Brighton e incluindo um par de crimes a sangue frio, as perseguições de uma concertista de bom coração, o insensível sacrifício de uma pequena patética garçonete, brigas de gangster seguidas de navalhadas e a morte prematura e violenta do próprio chefe na ocasião da sua captura pela polícia, no dique de Brighton. Direção potente, ambiente realmente sombrio de mesquinhas tocas de gangsters. Diversão, baseada na ação vivida, para os amantes do drama forte.

Roy e John Boulting, como produtor e diretor respectivamente, têm oferecido um trabalho de primeira qualidade e nos proporciona um tenso melodrama na Brighton de antes da guerra. E' o conto de Pinkie, um rapaz de 17 anos, sádico e neurótico, que julga ser um chefão do mundo subterrâneo, mas que vem a conhecer a mesquinhez do seu reinado quando se encontra envolvido num verdadeiro crime. A narração baseia-se em ações violentas, que inclui alguns assassinatos a sangue frio, um golpe de navalha e o constante holocausto da pequena garçonete, por parte de Pinkie, cujo único crime era o de amar o chefe da quadrilha. O crime inicial é algo especialmente engenhoso, enquanto Pinkie mata sua vítima quando ambos estão viajando num trem fantasma num parque de diversões. Segue a suspeita de Ida, artista sentimental do conjunto local de concêrtos, a implicação da pequena empregada, Rosie, a horrível morte de Spicer, um cúmplice que "sabia demais" e a investigação de Ida que provoca finalmente a ação da polícia na hora exata para impedir a morte de Rosie, por instigação de Pinkie. O filme atinge seu ponto culminante num trecho de tensa narração, quando Pinkie cercado pela polícia acaba lançado ao mar.

Autêntica pelo que se refere à atmosfera de Brighton, esta obra tem o mérito da realidade discritiva com Richard Attenborough repetindo o seu triunfo cênico no papel de precoce mas maldoso Pinkie. Caracterizações notáveis são também fornecidas pelos outros atores, Hermione Baddeley no papel de Ida coração de outro, William Hartnell, como o cínico delator de Pinkie. Outros estupendos desempenhos estão a cargo de Willie Watson e Harcourt Williams. Notável também, é a estréia de Carol Marsh na função de Rosie, com um desempenho suave que dificilmente poderia ter sido melhor.

O ambiente de violência na tela é alcançado no novo filme "O Pior dos Pecados" (Brighton Rock); é difícil passar-se mais o limite da sensibilidade. Isto é, pelo menos para a Inglaterra onde o cinema está afastado das brutalidades físicas do cinema de Hollywood nestes últimos anos. A violência em "O Pior dos Pecados" não é sadismo, não - o golpe na nuca que mergulha o indivíduo nas trevas, nem tampouco a carnificina dos filmes americanos de gangsters; é mais a translação em termos visuais de uma violência intelectual. E isso é tanto mais compreensivo que se deve considerar que o filme é uma adaptação da célebre novela de Graham Greene.

Graham Greene, como muitos de seus contemporâneos de 1930 à 1940, é um moralista forçando-se na contemplação do que mais o impressiona; a sua aparente

O FILME MAIS DISCUTIDO DOS ÙLTIMOS TEMPOS

"O PIOR DOS PECADOS" (Brighton Rock) BATEU O RECORDE EM LONDRES — OPINIÕES DE RILYS POWELL, "THE CINEMA" E "THE DAILY FILM REUTER"



Ficou provado que o público prefere os filmes baseados em argumentos realistas aos de ficção

combinação com os problemas da sociedade fora da lei é a manifestação de um temperamento cujo objetivo é a ordem e a tradição. Ele usou essa história como um espelho de conflitos que um dia fascinaram. Sua novela "Brighton Rock" que foi publicada em 1938, tem como figura central um rapaz criado na tradição católica que continua acreditando na religião e deliberadamente escolhe a danação; um rapaz que com 17 anos de idade é o chefe de um bando de assassinos operando em tôrno do hipódromo e nas ruelas afastadas do lugar de vilegiatura chamado Brighton. O filme, como a peça, também baseado na novela, conserva a estrutura geral do enrêdo apesar das inevitáveis alterações na narrativa. O caráter do rapaz foi amolecido, mas digamos levantado do abismo; por isso alguns críticos imediatamente protestaram que o fio da história tinha sido alterado. E' verdade que "Brighton Rock" pode servir de tema de discussão dos problemas da transladação da escrita para a imagem visual: as perdas e os lucros, a necessidade de encontrar na narrativa visual o que T.S. Elliot chamaria de objetiva correlativa para a descrição literária.

Para falar a verdade, a metamorfose aqui sujeita o espectador a um choque menor que usualmente. Além de tudo, o novelista foi convidado a participar na adaptação da sua própria obra: "o screen play" é de Graham Greene mesmo com a colaboração de Terence Rattingan. O resultado é um filme cujo "escript" foi brilhantemente estruturado. O fim, na verdade é desagradável para muita gente, inclusive eu. Porém devemos fazer justiça que o enrêdo é muito vivo com uma definição certa e desprovida de sentimentos nos carateres e um certo elemento de seriedade na análise dos motivos. De fato "O Pior dos Pecados" (Brighton Rock-tem qualidades suficientes para justificar sua fama sòmente como filme, sem referências ao seu original, à novela.

Aqui temos um filme sôbre crime e castigo: crime que, uma vez que os fundamentos religiosos são tàcitamente aceitos não dispensa as consequências espirituais. Aqui está a história de um rapaz que acredita no inferno e que deliberadamente comete pecado mortal, passando a lei dos seus companheiros que não têm a mesma crença, em traição e assassinato. Do lado oposto temos uma garôta tímida e inocente, uma católica cujo amor pelo rapaz a conduz a pacto de suicídio: isto é de acôrdo com as suas próprias palavras, cometer, o único pecado que não tem perdão.

Drama policial. Os Boultings fizeram uma obra de destaque com "O Pior dos Pecados" (Brighton Rock), que, sob um título suave é a fita mais dura, convincente e sórdida já produzida por um estúdio britânico. A figura central é um criminoso de 17 anos de idade, e é uma lisonja para a destacada atuação de Richard Attenborough se dizer que êle representa um caráter cimpletamente revoltante, sem nenhuma das ficções geralmente usadas pelos gangsters cinematográficos. Há um ligeiro espasmo de anti-climax no seu final envolto em hipocrisia, mas mesmo isso não consegue tirar a fôrça dêste arrebatador e, sim, revoltante estudo da vida criminal. Poderoso, cheio de vida manterá a assistência encantada com seu drama honesto, terrível e arriscado.

A qualidade principal desta película é que, por chocante que seja, é realista como de fato é, não glorifica o crime e certamente não incitará os jovens ou qualquer outra pessoa ao vandalismo. E' a história real, terrivelmente sórdida (adaptação de um romance de Graham Greene) de um chefe de quadrilha de 17 anos de idade que, comete um assassinato; para manter em silêncio uma garçonete de 17 anos, que poderia ser usada como testemunha, casa-se com ela e tenta incitá-la ao suicídio.

A fôrça desta obra está no seu realismo sem disfarce, com a breve exceção no final, que se torna ligeiramente sentimental. E' a vida baixa sem preconceitos, a direção é segura e a atuação ótima. Embora exista sadismo, como no "close-up" de uma face cortada a navalha, após uma briga, isto é justificado numa obra dêste tipo que apresenta a forma mais baixa da escória do crime. O drama é enaltecido pelo lugar, que é Brighton, mas não o Brighton conhecido pela maioria das pessoas. Um crime é cometido num trem fantasma de um parque de diversões, num túnel chamado "O Inferno de Dante". Um jornalista delator é a vítima. O outro assassínio igualmente a sangue frio é o de "Spicer", um componente da quadrilha que é empurrado por cima da balaustrada de um edifício sórdido. Uma outra tentativa de assassinato, que toma a forma de um pacto de suicídio com a garçonete, é feita à noite na extremidade de um dique durante uma tempestade.

Richard Attenborough tem sido elogiado por um desempenho que o eleva definitivamente ao estrelato. Igualmente brilhante é a atuação de sua companheira Hermione Baddeley, que fica envolvida nos crimes e que denuncia à polícia o jovem criminoso. O outro astro, William Hartnell, que também nos proporciona uma excelente atuação, é naturalmente um mestre neste gênero de enrêdo, interpretando, Dallow, o criado com uma vaga aparência de decência. Carol Marsh, a garçonete de olhos húmidos, tem um futuro prometedor. Outras caraterizações notáveis estão a cargo da habilidade de Harcourt Williams, Willy Watson,, Nigel Stock, Alan Wheatley e George Carney.



«O pior dos pecados», inspirado numa novela de Graham Greene, aborda, como sempre faz Greene, o problema social do baixo mundo



Um dos cartazes confeccionados para Dick Farney

DIFUSÃO DA MÚSICA BRASILEIRA

De R. N.


Dick Farney realiza uma tournée pela América Latina

DE ALGUM tempo para cá, temos observado que a nossa música, entrou em sua verdadeira fase de compreensão no estrangeiro.

De fato, era doloroso e ao mesmo tempo ridículo, assistirmos alguns filmes, principalmente americanos, e vermos trechos no qual o tema central era a nossa música e o nosso povo. Ela era pèssimamente tocada, sem nenhum ritmo, fator que a caracteriza, e os seus intérpretes vestidos a lá cubanos ou coisa parecida, só que de brasileiros não tinham nada. Maracas, bongos e outros instrumentos centro-americanos e afro-cubanos eram utilizados nos acompanhamentos de um samba. As cuícas, tamborins e outros, que fazem parte integrante do mesmo, nem sabiam quais eram as formas e os sons que dêstes saiam. Mas o samba foi evoluindo, hoje raramente temos oportunidade de ouvir um, acompanhado por regionais com seus pandeiros e violões. Foram substituídos por violões elétricos, violinos, saxofones, pianos, dos quais saem acórdes modernos e às vêzes de tão modernos dissonantes. Evoluiu o acompanhamento e com êle o espírito criador dos nossos compositores e orquestradores. Do samba bem marcado e buliçoso, nasceu o samba-canção, romântico, lento, quase murmurado. Mas voltando à difusão da música brasileira, que é o assunto principal desta crônica, ela estava sendo divulgada em outros países como se fôsse originária de Cuba, Argentina, etc. Aliás, em recente entrevista concedida à imprensa depois de sua volta da Europa, Linda Batista afirmou que as orquestras cubanas que lá se exibem, propagam a música tocada por êles, como verdadeiramente brasileira, e as baianas estilizadas, não são "falsas baianas'', são autênticas. Enquanto isto acontece, vamos perdendo terreno musical no mercado mundial. Infelizmente as nossas embaixadas em outros países, não possuem um departamento especializado em difundí-la. O pouco que fazem é em pról do nosso folclore, que sem dúvida é maravilhoso, mas temos muito mais coisas para mostrar lá fora. Enquanto o Sr. Agustin Lara faz excursões com sua orquestra, tendo todo o apôio moral e financeiro do govêrno de seu país, nossos artistas fazem tournés ao norte do Brasil, onde muitas vézes nem chegam a receber o combinado prèviamente com o empresário e com muito custo conseguem chegar até Buenos Aires.

Mas, as coisas parece que mudaram um pouco. Uma verdadeira epidemia de contratos para exibições de cantores e solistas nossos em outros países, veio trazer uma benéfica publicidade para a nossa música.

Waldir Azevedo, pôs Buenos Aires em polvorosa com o seu famoso "Delicado'' que há bem pouco tempo, também foi gravado nos Estados Unidos pela orquestra de Stan Kenton, deve estar muito modificado êste baião tocado por aquela orquestra, mas de qualquer maneira é propaganda.

Linda Batista, depois de uma feliz tournée por alguns países da Europa, deixou o Velho Continente cantando o nosso samba e sentindo de perto a nossa alma.

Os "Anjos do Inferno'', embarcaram para a Argentina, México e Estados Unidos, levando até êles os ritmos do Brasil, mas infelizmente voltaram cantando boleros, o pior é que cantando mal.

Tratando-se da propagação da música brasileira, não poderíamos deixar de citar Carmem Miranda, que sem dúvida foi a nossa maior propagandista. Com seus turbantes, seus sapatos de meio metro de altura, suas roupas vistosas e sua personalíssima maneira de cantar "O que é que a baiana tem?" e outras dêste gênero, mostrou aos Estados Unidos que o samba, não era nada daquilo que êles apresentavam no cinema. Carmem não voltou mais, porque? Porque na América do Norte, ela encontrou todo o apôio e campo de expansão para a sua arte, pois no Brasil, somos obrigados a reconhecer que tudo isto é muito limitado. Carmem está americanizada, mas ainda tem muito do que é nosso. Alguns outros artistas brasileiros também foram, e todos êles bem recebidos e aplaudidos.

Poderíamos falar no sucesso alcançado por Dick Farney nos Estados Unidos há coisa de uns três anos passados, mas isto já é por demais conhecido. Citaremos o êxito que Dick vem obtendo em sua atual temporada em países da América do Sul. Embarcou para Montevidéu há coisa de pouco mais de dois meses, contratado para uma série de programas na Rádio Carve, uma das principais daquela Capital e também como figura principal dos "shows" de uma das boites mais luxuosas de Punta Del Este, lugar onde há bem pouco tempo foi alvo das atenções de todo o mundo cinematográfico, devido ao famoso "Festival de Cinema" que ali teve lugar. Foi tão grande

(Cont. na pág. 34)


Aspecto do «cock-tail» oferecido pela imprensa argentina ao cantor patrício

RÁDIO

O noticiário de novidades anda cheio. O movimento de artistas que mudam de estação é grande. Mas o rádio continua sua vida intensa de trabalho e de progresso, com êstes ou com aquêles, sempre trepidante e dinâmico, com a promessa de novos programas e de novos cartazes, numa perene movimentação. Sagramor de Scuvero passou da Tupi para o Rádio Club. Aracy de Almeida da Tupi para a Rádio Nacional. Também Dircinha Batista. Mas para a Tupi foi agora Vicente Celestino. Do Rádio Club, também para a Tupi, a rádio-atriz Mildred Santos. Passaram da Rádio Globo para o Rádio Club diversos rádio-atores. Até mesmo produtores, sonoplastas e musicistas têm mudado de prefixo. Certamente o movimento continuará ainda por muito tempo e, talvez, não termine nunca. Até mesmo têm sido emprestados artistas de uma a outra rádio. Tudo isso é motivo de interêsse para os ouvintes, que têm sempre novidades a apreciar. Há ainda o caso das rádios que estão passando por transformações, como a Rádio Jornal do Brasil, da qual muito esperam os seus inúmeros ouvintes: A PRF-4 está em obras e, certamente vai entrar no "mercado de cartazes" nacional e internacional: E' preciso também não esquecer que a Vera Cruz está anunciando que breve teremos novidades em seus estúdios. De tudo isso se depreende que há muito trabalho e muita vontade de trabalhar nos meios radiofônicos. Seria necessário, entretanto, que as emissôras não pensassem apenas em distrair os seus milhões de fãs, mas também de instruí-los, seguindo a máxima tão citada sempre que se fala nestes assuntos — "recrear instruindo". Não faltam talentos e artistas capazes de realizarem êsse admirável programa. Nós acreditamos nos homens de boa vontade do rádio brasileiro.

MAX MINO



MÁRIO DE AZEVEDO, o pianista da Rádio Jornal do Brasil, há tantos anos, vê cada dia, seu prestigio aumentado. Espiritosantense de nascimento, o popular pianista veio muito jovem para esta capital e se iniciou no "broadcasting", na antiga Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, hoje Ministério da Educação. Ali Mário de Azevedo fêz uma longa temporada, da qual os rádio-ouvintes daqueles tempos guardam sinceras saudades. Além de ótimo acompanhador, mesmo de concertistas célebres, Mário é um excelente solista, imprimindo ao seu toque, a interpretação rigorosa que o autor exige, dando de sua personalidade à execução, o máximo de sentimento. E' por isso que seus programas de concerto são tão ouvidos. Mário de Azevedo é, também, professor de nossa Escola de Música. Uma de suas interpretações de música popular mais famosas, é o "Despertar da montanha" de Eduardo Souto, há tantos anos ouvida em seus programas, sempre solicitada por seus ouvintes.



LINDA BATISTA teve magnífica recepção, com o aeroporto repleto de amigos, admiradores e fãs, que foram aplaudí-la e felicitá-la pela bela excursão que realizou no Velho Mundo, fazendo ótima propaganda de nossa música popular. Sua irmã, a grande cantora de música popular, Dircinha Batista, havia anunciado sua volta até o dia 20. Do aeroporto Linda Batista foi conduzida ao auditório da Rádio Nacional, onde cantou e foi entrevistada, contando, com muita graça, as peripécias de sua visita à Europa. Linda Batista apresentou-se nos palcos e "nigth clubes", com luxuosas baianas estilizadas, que lhe deram um cunho bem brasileiro, gracioso e pitoresco.

NOTAS

Olinda Vale é uma autora e intérprete de música popular que, ùltimamente, pouco tem aparecido nos nossos estúdios de rádio. Como autora, Olinda Vale tem produzido apreciáveis canções e números folclóricos, alguns calçados em lendas da nossa terra, tôdas de apreciável beleza. Há, sobretudo, um ritmo do nosso folclore, a dança "caxambu", que foi incontestàvelmente, um dos motivos de suas melhores produções. Talvez tenha sido Olinda a sua primeira divulgadora em nosso "broadcasting". Como cantora, sua voz é agradável e sua interpretação bastante sentimental. Na Rádio Jornal do Brasil e em outras emissoras, Olinda Vale tem tido oportunidade de realizar boas temporadas.

Um belo gesto da criadora de "Vingança", foi a doação de seu guarda roupa artístico a Horacina Corrêa, cantora brasileira que está na Europa e que, recentemente, no Egito, perdeu, num incêndio, quase todos os seus haveres. Linda Batista pretende voltar à Europa em março do ano vindouro.

★

Hebe Camargo, jovem cantora paulista, pertencente ao "cast" da Rádio Nacional de São Paulo, que está no Rio, cantando na Nacional, apresentou-se no programa César de Alencar. Agradou em cheio e recebeu especial convite de Heber de Boscoli e Yára Sales, para cantar nos programas que os mesmos dirigem.

★

Ouvimos, através da onda da Vera Cruz, o veterano Albenzio Perrone, cantor dos primeiros dias do rádio no Rio de Janeiro, e que, apesar dos anos, ainda está em muito boa forma. Temos ouvido Perrone nos programas de saudade em discos, sempre lembrando aquêles seus sucessos de outros tempos. Mas desta vez ouvímo-lo cantando com muito sentimento "Scrivimi", que vai muito bem em sua voz. Perrone é uma tradição do "broadcasting" no Brasil. Muito trabalhou e muito fêz, num tempo em que cantar em rádio era, ás vêzes, sacrificio.

E X P E D I E N T E

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor-presidente: Gratuliano Brito

Correspondente em Hollywood: — GILBERTO SOUTO

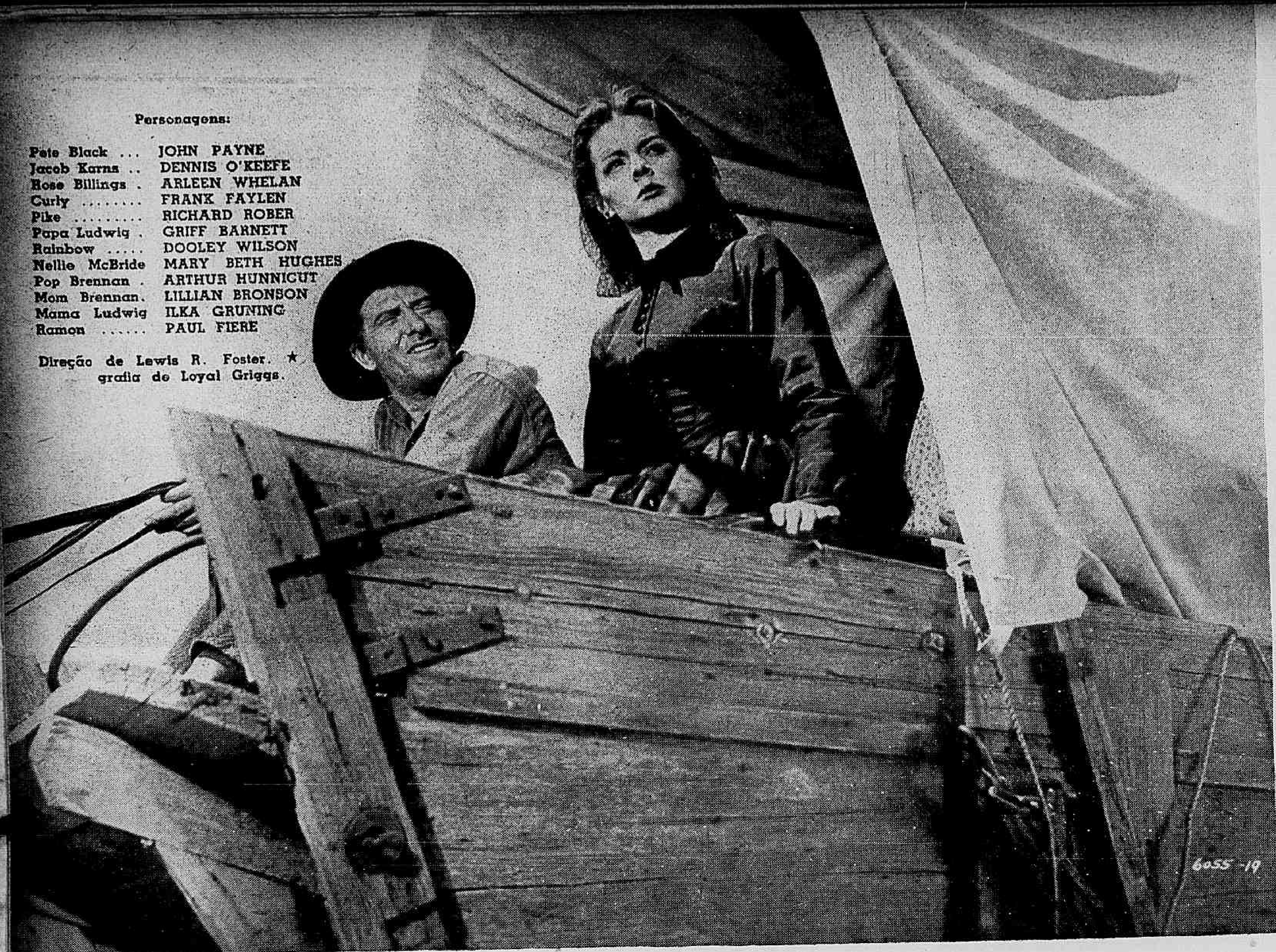
Redator-chefe de publicidade: — *Severino Lopes Guimarães*

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. — Telefones: — Secretaria: 22-4447; Administração e Publicidade: 22-2550; Portaria: 22-5602. Endereço telegráfico: "Revista". Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,00. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual: Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,00. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil.

Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa, Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marquês. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746. Montevidéu. Suc. na Argentina: *Inter-Prensa*, Florida, 229, B. A.

IMPORTANTE: — O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



LEGIÃO DOS DESESPERADOS

COM os perseguidores em suas pegadas, cinco presos foragidos da prisão de Salt Lake, cambaleiam através do deserto. O chefe é Pete Black, um homem rijo e impiedoso. Os outros são: Curly, Pike, um mexicano chamado Ramon e um negro cujo apelido é «Arco-fris». Todos estão desesperados e nada os fará recuar na defesa de sua liberdade. Quase mortos de sêde e cansaço, encontram-se com uma caravana, dirigida por Jacob Karns, um jovem e calmo pioneiro, que segue em demanda à California, para formarem uma nova comunidade. Na caravana seguem também: a bela Rose Bellings, ainda chorando a morte do pai, a família Johnson, Pop e Mom Brennan, Mama e Papa Ludwing, o irmão mais moço de Jacob, Michael, a professôra solteirona Miss Swingate e Nellie McBride, uma loura sofisticada.

Roubando os poucos rifles que os viajantes levavam, Pete força Jacob a partir, e rudemente, nem mesmo espera que êles enterrem o filho dos Johnsons, que acabara de morrer. Johnson fica para trás, fazendo o entêrro e quase morre de fome e sêde, tentando alcançá-los, pois Pete implacável, segue adiante com a caravana. Nesse meio tempo, Pete nota a beleza de Rose e fica mais interessado ainda quando ela tenta, enraivecida com a sua brutalidade, açoitá-lo, mas êle lhe toma o rebengue das mãos. Rose declara que o odeia, mas sente que há uma grande atração entre os dois, e o conhecimento disso a embaraça. Contra o ajuizado parecer de Jacob, Pete insiste em que a caravana atravesse «Alikali Flat», uma desolada e sêca região, apenas porque é o caminho mais curto. O calor é insuportável e a má sorte os persegue. Primeiro uma carroça se quebra e tem que ser abandonada. Depois, é a vaca, única fornecedora de leite, que morre numa tempestade de areia, deixando sem alimento o bebê de Michael e Minna, que adoece e morre também. A tragédia afeta as faculdades mentais de Minna. Então uma inesperada chuva transforma o vale num mar de lama, atolando as carroças. Para poderem prosseguir, Pete ordena a todos que joguem fora os pertences, menos comida e água. Rose fica desolada, pois os seus bens mais valiosos e queridos são os belos vestidos que se encontram em um baú. Pete consente que ela os guarde, não sem antes roubar-lhe um beijo. Rose, então, veste o mais belo em homenagem a Pete, incorrendo no desagrado dos outros componentes do grupo. Mais tarde, quando acampados, há uma briga entre Pete e Jacob, e o calmo pastor o vence nitidamente, para espanto do próprio Pete. Curley, Pike e Ramon ficam atônitos quando Pete, ao invés de matar Jacob, entrega-lhe o comando do grupo. Além disso, impede que Curley e Pike roubem os fundos da comunidade. Quando êles tentam amarrar pelas costas a Pete, Jacob salva-lhe a vida e Rose cuida do ferimento dêle até a sua cura.

(Cont. na pág. 34)



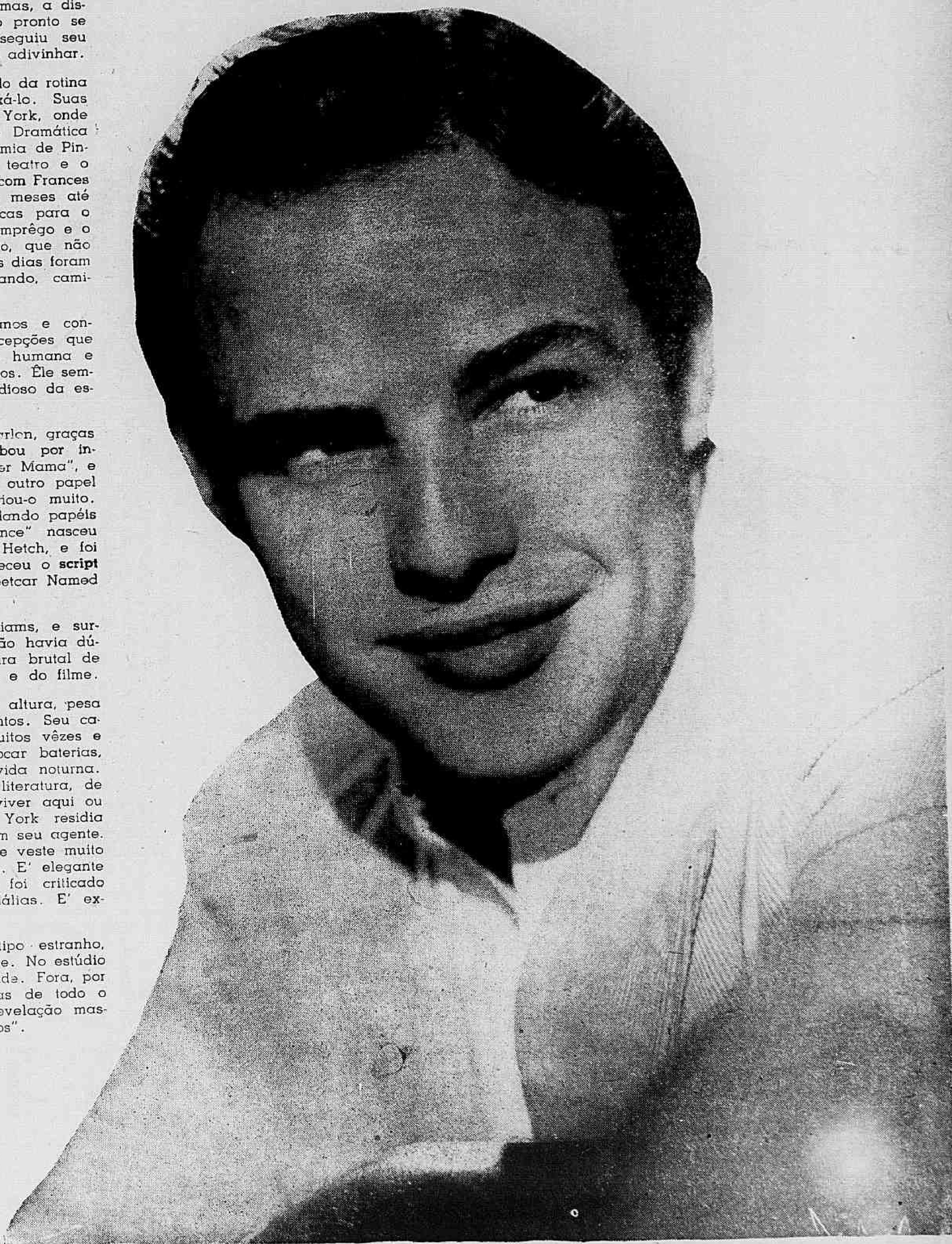
MARLON BRANDO: da BROADWAY para HOLLYWOOD

MARLON Brando veio da Broadway para Hollywood depois de se revelar um ator de excepcionais qualidades. Brando é uma das personalidades mais interessantes da terra do cinema, principalmente pela sua independência de caráter. Desde muito criança, Marlon levou uma vida inquieta. Até aos seis anos viveu em Omaha, Nebraska, onde nasceu no dia 3 de abril de 1924. Sua mãe era uma atriz e sua irmã Joselyn gostava muito de teatro. As duas influíram Marlon a seguir a carreira onde se tornaria famoso. Tem outra irmã Frances, também artista, mas do pincel.

De Omaha, Marlon foi para Evanston e logo para Libertyville em Illinois. Naquele povoado o pai de Marlon fazia bons negócios e a casa do artista vivia freqüentada por diretores, atores e escultores, gente dedicada à arte e que, de certa forma, deixaram profunda impressão no espírito de Marlon.

O teatro vivia, porém, em sua alma, assim um tanto esquecido. Aos 15 anos êle pensava em coisa muito diferente, por exemplo, tocar bateria nas grandes orquestras. Como baterista fazia sucesso nas reuniões sociais e as pequenas se apaixonavam por êle. Tentou seguir a carreira, mas desgostava-lhe o tratamento dos maestros que não concordavam em absoluto com as maneiras um tanto independentes de Marlon...

Foi mandado então para a Academia Faribult, em Minnesota, onde seu pai estudara, mas, a disciplina foi o seu maior suplício e tão pronto se graduou abandonou o colégio e conseguiu seu primeiro emprêgo, modesto, como é fácil adivinhar.



Depois de dois meses, Brando, cansado da rotina do trabalho que fazia, resolveu deixá-lo. Suas irmãs haviam embarcado para Nova York, onde Joselyn cursava a Academia de Arte Dramática e a outra, Frances, estudava na Academia de Pintura. Êle mostrou desejos de estudar teatro e o pai fêz-lhe a vontade. Brando foi morar com Frances em Greenwich Village e esperou três meses até que se iniciassem as classes dramáticas para o novo curso. Enquanto isso, procurou emprêgo e o único que arranjou foi o de cabineiro, que não serviu, é claro. Não procurou mais e os dias foram correndo, correndo e Marlon caminhando, caminhando pelas ruas da cidade...

Nesse tempo Marlon contava 19 anos e confiava cegamente nos amigos. As decepções que sofreu fizeram-no ver a insinceridade humana e nem assim deixou de acreditar nos outros. Êle sempre foi e sempre será um eterno estudioso da espécie humana.

Depois de um ano de Academia, Marlon, graças à sua facilidade em aprender, acabou por ingressar no teatro na peça "I Remember Mama", e tão bem se conduziu que lhe deram outro papel em "Truckline Cafe". A crítica elogiou-o muito. Êle continuou no teatro e foram lhe dando papéis mais importantes. Sua grande "chance" nasceu na peça "A Flag Is Born", de Ben Hetch, e foi depois disso que Elia Kazan lhe ofereceu o **script** de "Uma Rua Chamada Pecado" (Streetcar Named Desire) que Marlon aceitou.

Foi visitar o autor, Tenessee Williams, e surpreendeu-o com sua interpretação. Não havia dúvida. Êle nascera para viver a figura brutal de Stanley, personagem central da peça e do filme.

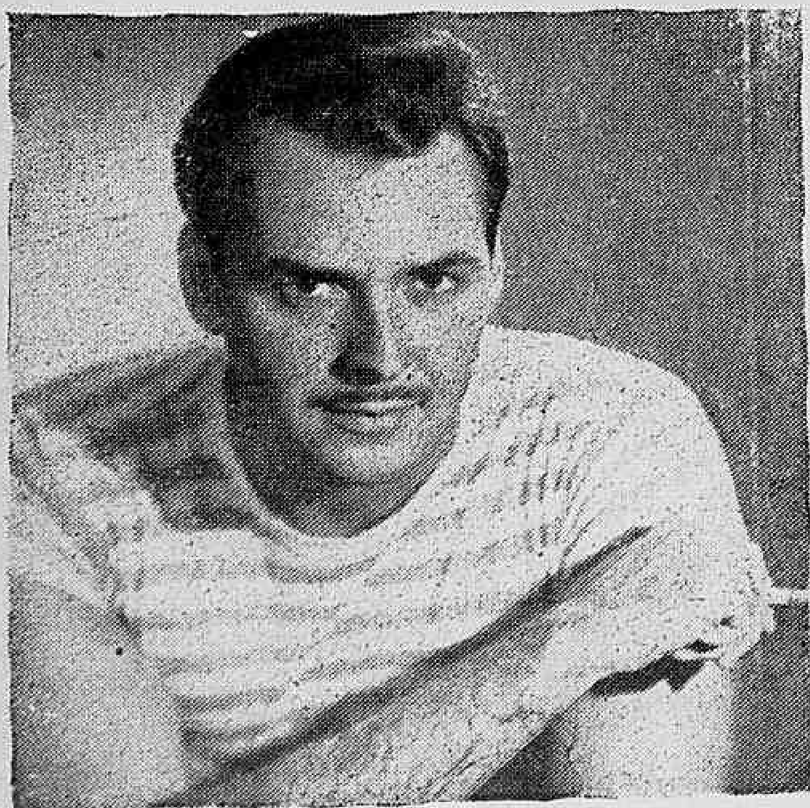
Brando tem cabelos castanhos, boa altura, pesa normalmente e seus olhos são cinzentos. Seu caráter tem tendências melancólicas muitos vêzes e é de extrema sinceridade. Adora tocar baterias, não toma licores, nem lhe atrai a vida noturna. Gosta muito de conversar, de boa literatura, de música e arte. Para êle tanto faz viver aqui ou acolá. Dá no mesmo. Em Nova York residia num porão, e em Hollywood mora com seu agente. Não tem planos de grandeza. Não se veste muito bem, pois prefere os trajes esportivos. E' elegante assim mesmo. Ainda recentemente foi criticado por entrar num restaurante de sandálias. E' excêntrico...

E', como se pode deduzir, um tipo estranho, estranho e ao mesmo tempo fascinante. No estúdio é desembaraçado e fala com facilidade. Fora, por vêzes, se mostra tímido. As garôtas de todo o mundo já o consideram a maior revelação masculina de Hollywod nos últimos anos".

HÁ SINCERIDADE NISSO?



Orlando Vilar responde, neste artigo, à pergunta de milhares de fãs



O BEIJO SOB AS LUZES

de ORLANDO VILLAR
(especial para A CENA)

CONSTANTEMENTE me perguntam se o beijo cinematográfico pode ser sentido pelos seus intérpretes com a mesma ternura ou a mesma volúpia que procuram demonstrar.

— Existe sinceridade nisso?

Ainda que esta interrogação pareça a última piada carioca, é como geralmente interrogam-me sôbre as cenas amorosas. Não me parece interessante ao espectador conhecer o outro lado da história, mas já que a curiosidade é tanta, preparem-se para a decepção.

Imaginemos um "set" de filmagem. Grande movimento de vai-vem, muita atrapalhação, vozes que gritam em todos os idiomas, refletores por todos os lados, técnicos de tôda a espécie. Homens carregando partes de cenários, preparando luzes, angulando por objetivas, discutindo e divergindo.

E no meio de tôda essa confusão o pon.to central de todo o movimento: o casal amoroso, espera pacientemente a chamada para o ensaio da cena. Após minutos que se entenderam como se fôssem horas, o assistente da diretor finalmente leva para o local de filmagem os dois atores.

Começa a iluminação. Refletores de mil, dois, três, quatro, cinco, 10.000 Kwats. lançam jatos de luz por todos os lados. Jatos que queimam, que cegam, que fazem suar os dois infelizes metidos em grossas roupas (a cena é pasada no inverno mas filmada em pleno verão). Depois a angulação:

— Fica assim... Não, mais para cá... Isso, só um pouco para a esquerda... Veja se você consegue virar tôda a cabeça sem rodar o torax... Agora... Perfeito! Isso mesmo, mas não se mexa senão estraga tudo.

E lá fica o pobre coitado fazendo verdadeiros prodígios de contorcionismo.

Afinal começam os ensaios da cena: uma, 2, 5, 10, 15, 30 vêzes.

Os dois já estão cansados de ensair beijando e de beijar ensaiados. O beijo nesta altura já se tornou fruto de contorcionismo, de um trabalho forçado, de calor também, mas não é nada agradável. Finalmente está pronta a cena para rodar. Retoca-se a maquilagem, últimam-se os detalhes, é feita a claquette, ordena-se silêncio.

O Diretor grita: câmara! E em seguida: ação!

O par amoroso começa o diálogo, trocam olhares ardentes, caminham um ao encontro do outro dizendo as palavras mais doces e envolventes, aproximam-se, abraçam-se e finalmente beijam-se.

O Diretor corta, não ficou satisfeito pois notou um sombreado na maçã esquerda da atriz provocado pelo nariz do ator.

E' necessário repetir a cena!
E começa tudo de novo.

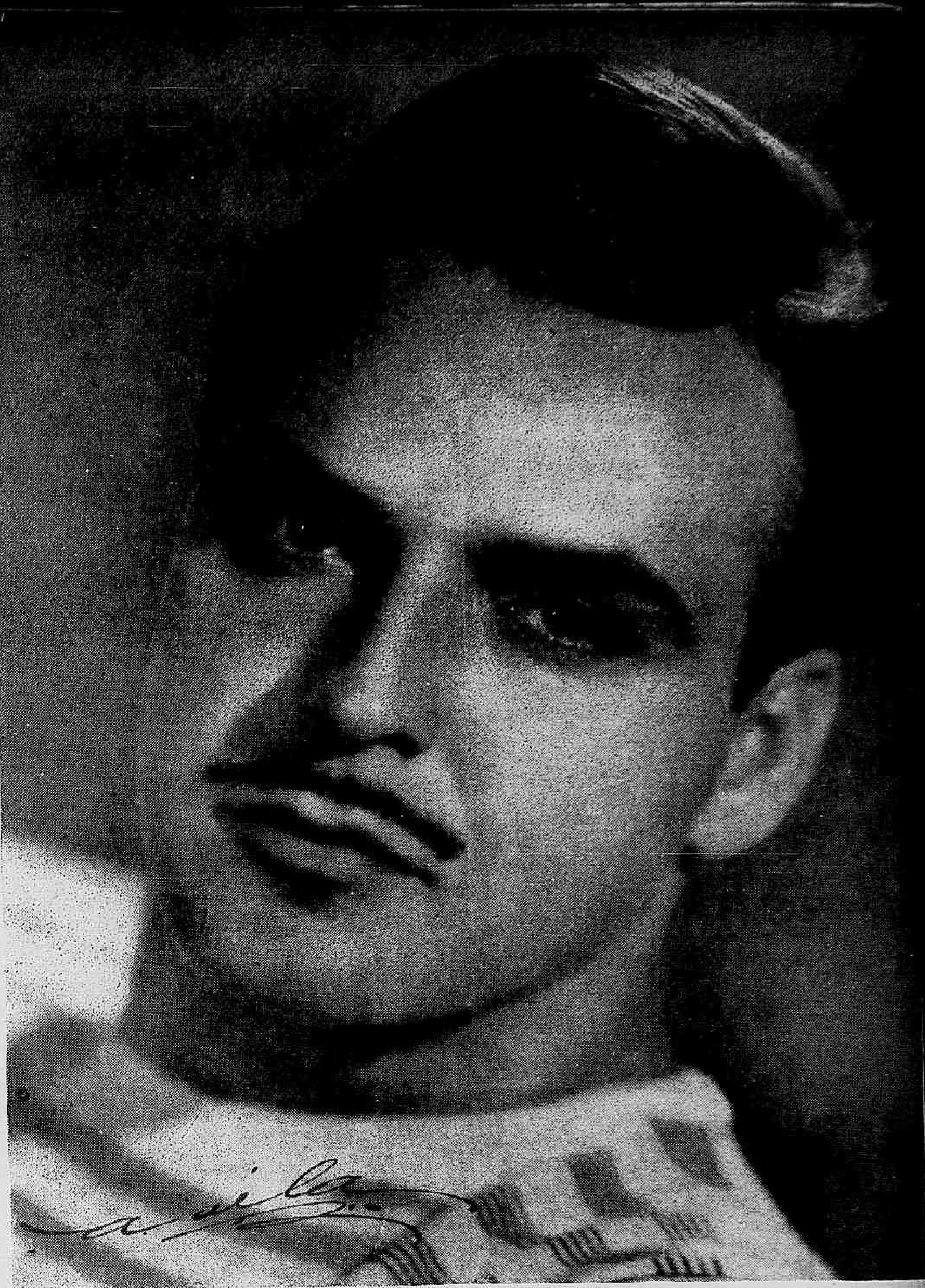
Novamente a gritaria em todos os idiomas, os fachos de luz cruzam-se procurando retirar a impertinente sombra causada pelo apêndice nasal do ator.

Os minutos escoam-se, os artistas impacientam-se esperando a nova ordem de ação. Afinal a luz é resolvida, o diretor ordena silêncio e segue-se a repetição.

Dessa vez porém um dos dois erra o diálogo e repete-se a cena mais 9 ou 10 vêzes. A 12ª vez satisfaz ao diretor, e, é ela justamente a que você viu no cinema. E' ela mesmo que tanto emocionou pela sinceridade e natural ação.

Agora pergunto: Se você desse um beijo apos ensaiá-lo tantas e tantas vêzes, diante de tantas pessoas atentas, debaixo de tanta luz, após impacientar-se, ser repreendido, praticar esporte de contorcionismo, seria capaz de sentir ainda o mesmo sabor de um beijo, natural e apaixodado?

Ai está a resposta.





Orlando tem beijado, na tela, as mais lindas artistas do nosso cinema, inclusive Maria Della Costa, que se vê nestas fotos. Sentirá êle alguma emoção? Leiam o seu artigo.







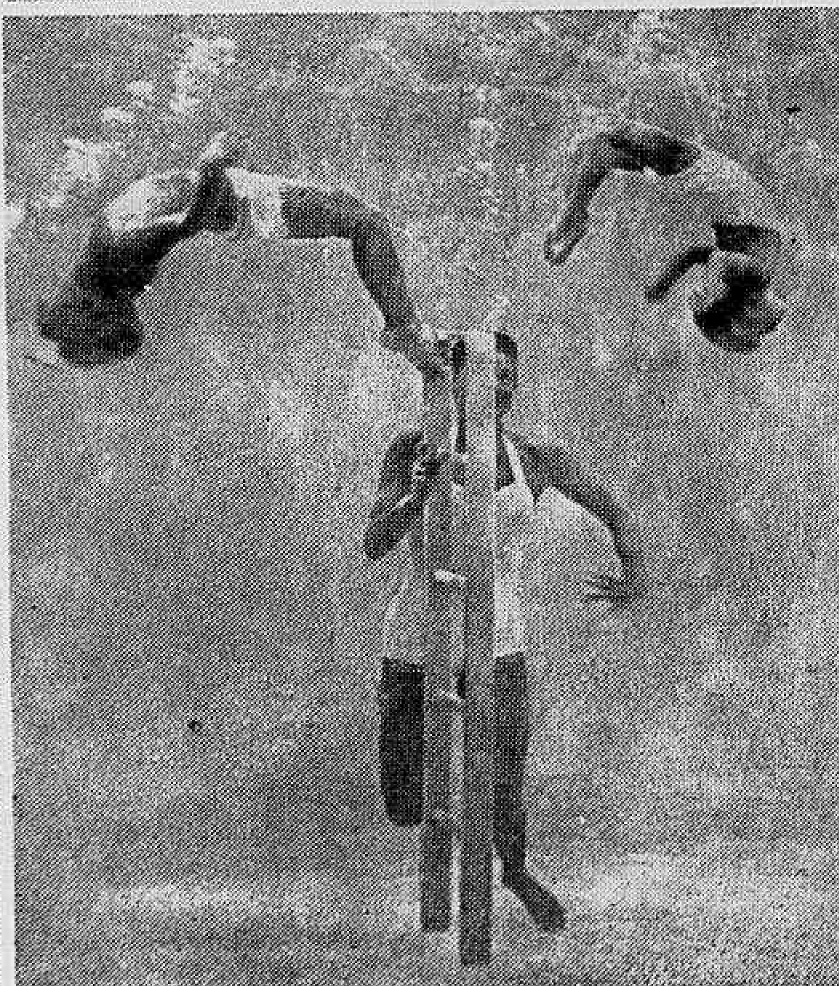




A coisa não parece novidade, assim a primeira vista, mas a questão é que os técnicos da Metro-Goldwyn-Mayer mexem, remexem, e sempre acabam criando qualquer coisa nova à luz... dos refletores, essa é a verdade. Quantas vêzes Esther Williams tem aparecido nadando pr'á cá, nadando pr'á lá, no fundo de uma piscina, em atitudes de ninfa ou de deusa de quadro de Oswaldo Teixeira? Uma porção de vêzes, a gente vai ver e acaba cansando, não parece? Mas chega um novo filme da "sereia", a gente vai ver e acaba concluindo que aquela cena da piscina foi justamente a mais interessante porque tinha isto assim e tinha aquilo assado... E no meio do assim e do assado, dona Esther Williams, com seus dentes sadios e seu corpo muito em boa forma. Pois vamos — e por que não? — ter a amiga Esther dentro da piscina, etc., etc. — mais uma vez, e naturalmente com alguma coisa nova: em EVA NA MARINHA (Skirts Ahoy), que ela terminou há pouco.

Desta vez as cenas subaquáticas apresentam Esther Williams na companhia de uns pirralhos, que não são seus filhos nem seus afilhados nem filhos de vizinhos. amos ver as cenas e naturalmente perguntaremos mais uma vez: Como será

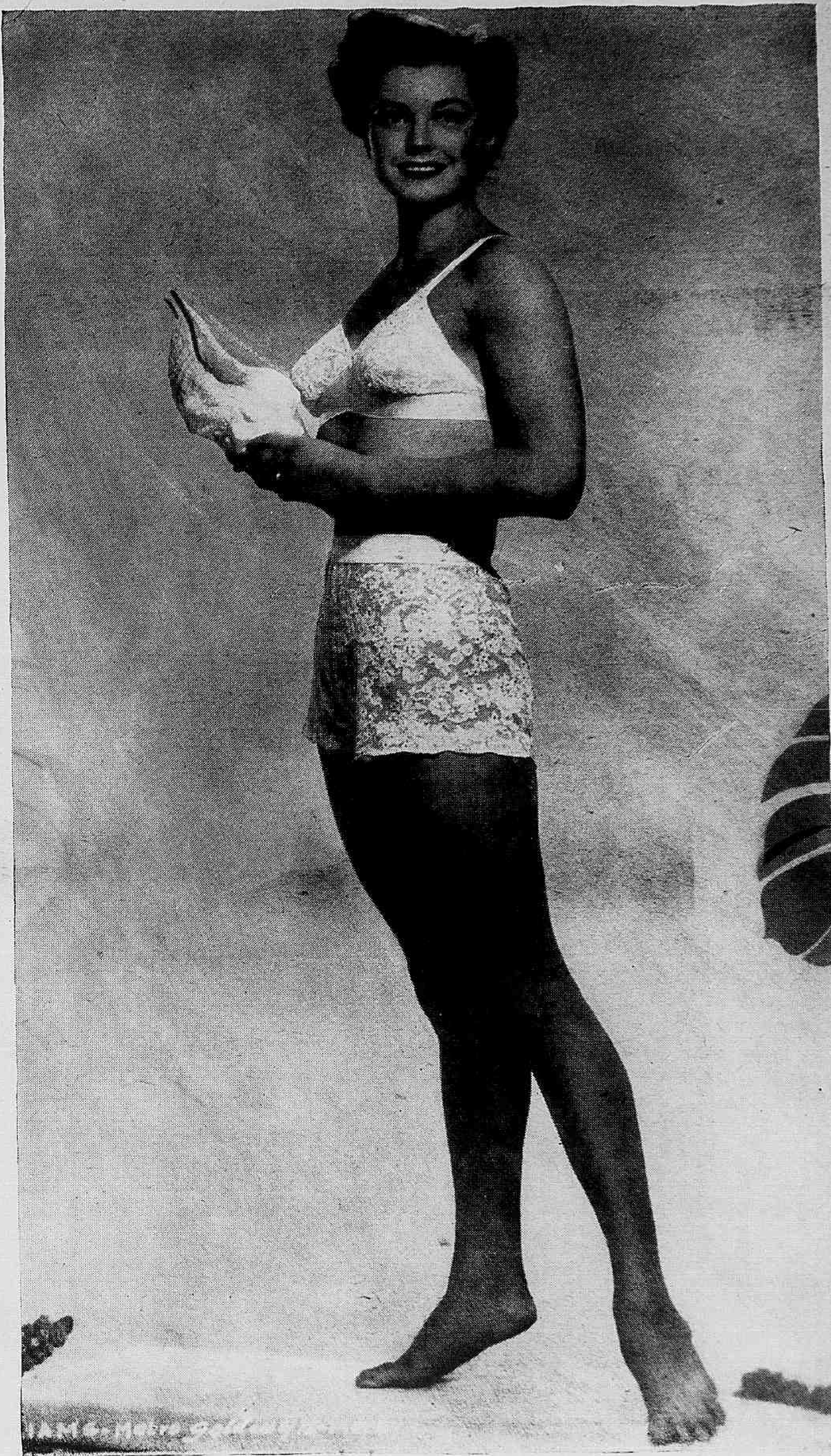






ATÉ DEBAIXO DÁGUA!...

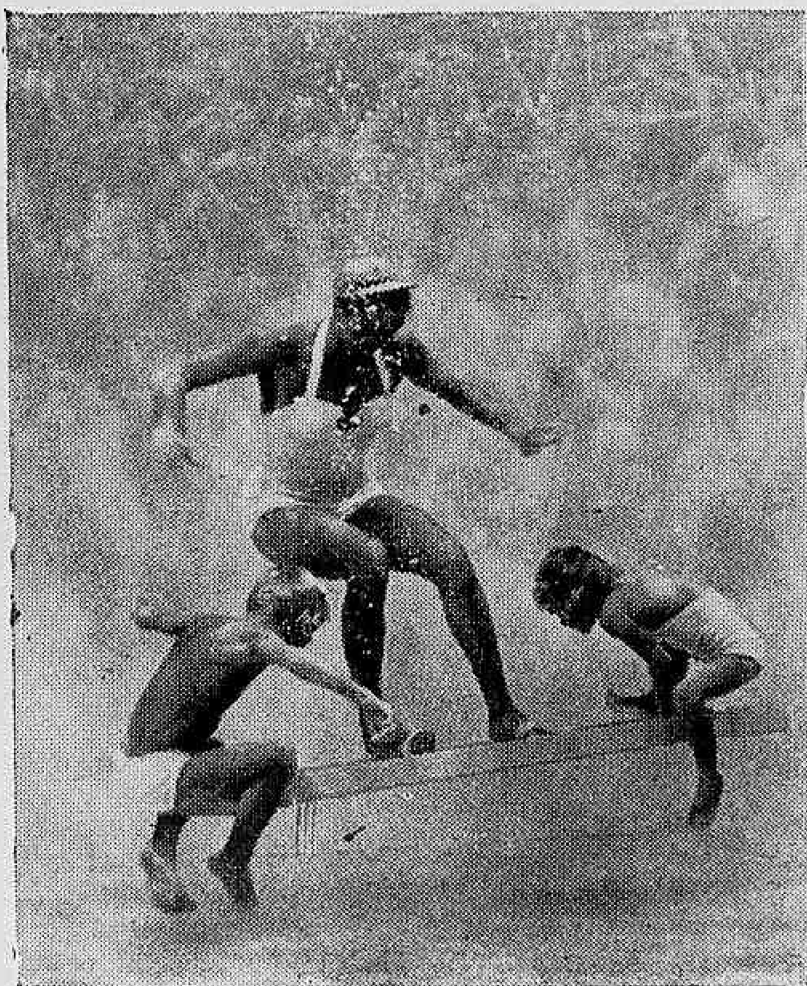




feito aquilo? Não é possível que Esther Williams tenha tanta fôlego assim!

A acreditar em alguém que entende ou finge entender da coisa, a "operação sub-aquática" acontece assim: o "set" da filmagem é, naturalmente, uma piscina de consideráveis proporções, sem com isso chegar a ser grande como a que o Vasco vai inaugurar. Distribuidos em três pontos que poderemos considerar vitrines, ficam três câmaras de filmagem. Essas câmaras trabalham simultâneamente. Esther mergulha, nada um pouco, baila um pouco, respira mais um pouco do que nada e baila, dá uns volteios, e as três câmaras, rodando ao mesmo tempo, fornecem depois algumas cenas, tomadas em poucos minutos, que parecem muitas cenas mais que na realidade, dada a diversidade de ângulos.

Dizem que é assim. Se não acreditarem perguntem a Esther Williams. E se Esther não responder, perguntem ao marido de Esther Wiliams, que fica sempre pelas redondezas da molhadíssima filmagem. Sim, porque Ben Gage é tão marido de Esther Williams, mas tão, tão, que o é até debaixo d'água... (E que outra obrigação pode ter o marido de uma sereia, senhores?)





DOIS AMERICANOS E UMA FRANCESA
Brenda Marshall muito conhecida do público carioca; Van Dee, chefe da delegação norte-americana; e Michele Presle, do cinema francês



UM TERCETO DE RESPEITO
Êles, os feios, são Yves Allegrette, diretor de cinema na França e Maurice Bessy, diretor da revista «Cinemonde». Entre as féras, a estrêla Tilda Thamar, uma das mulheres mais elegantes do mundo.

EM CANNES, COM OS "ASTROS"

De DANILO RAMIREZ

(Especial para "A CENA")



O PRÍNCIPE E AS PRINCESAS...
Ali Khan tem ainda muitas recordações do Rio. Disse que breve voltará por aqui, e que talvez nem espere pelo convite da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos para voltar ao Rio Ali Khan dançava cada noite com uma estrêla. Não era um «barba azul»; mas à bóca miúda muita gente comentava: «Cada noite uma princesa para bailar... Cada noite uma vítima para levar ao patíbulo». Aqui na foto êle está entre a estrêla egípcia madame Fausi e Ivonne de Carlo.

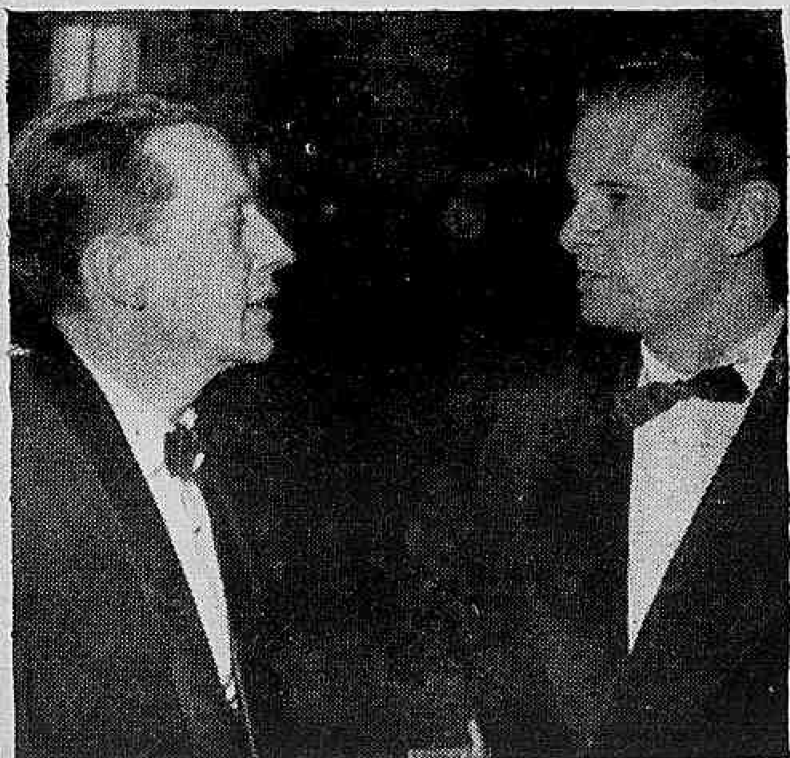


A «COMEDIE» E O CINEMA AMERICANO
A famosa atriz do teatro (da Comedie Française) e do cinema francês Gabrielle Dorziat (membro do júri de Cannes), e o ator Gene Kelly que estêve na Côte d'Azur cheio de esperanças para o seu filme «Um americano em Paris». Nada obteve a fita entretanto.



PICADA DE ESTRÊLA...
Que estrêla teria dado a Mack esta rosa com um tão grande espinho? No palco, entre muitas notamos que a essa altura da picada, apenas estavam sem flores nas mãos as estrêlas Tilda Thamar e Dolores del Rio. Uma das duas envenenou Mack. — O melhor veneno do mundo, disse Mack.

FABRE LEBRET, diretor do Festival de Cannes, e Danilo Ramirez: — «O Festival atingiu seus fins artísticos cem por cento. Algumas suprêsas como «Dois Centavos de Esperança» e alguns desastres como... O amigo deve haver assistido, não?»

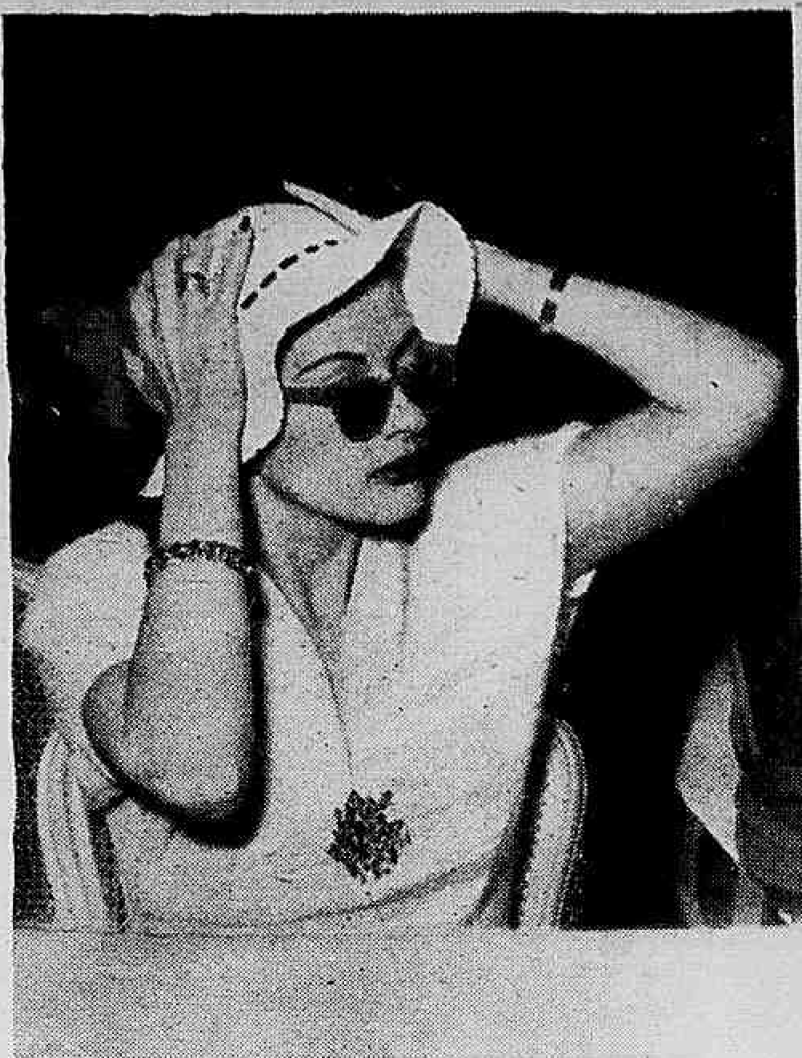




A VOZ DA ESTRÊLA...
Mas como aqui se trata apenas de fotografia... Eis a querida Glória de Haven cantando na festa dos artistas americanos no hall do «Carlton Hotel», em Cannes.

A BELA E A FERA
Ela é a lindíssima estrêla grega Irene Papa, e êle o simpático jornalista brasileiro Joaquim Menezes, presidente da Associação Brasileira de Críticos Cinematográficos, uma organização que assume já, hoje, em dia: compromissos de caráter internacional. A Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos acaba de acertar com algumas das mais representativas figuras do cinema europeu, a vinda de artistas e diretores de fama mundial para o festival de cinema do Rio, em 1953.





CHAPÉU DE GRETA GARBO
Ela é Ivonne de Carlo, a moça que tanta gente fala mal dela aqui pelo Rio: «ela é mal educada, desagradável, convencida». Nada disso nos pareceu a bonita atriz. Gentil, nos atendeu várias vêzes para fotografias e palestras. Gentil, fêz as poses que os fotógrafos pediam. Gentil, explicou que aquêle chapéu tinha um quê dos chapéus de Greta Garbo, mas que era dela mesmo. Ivonne foi encantadora para a imprensa



DA ESPANHA, FOI ELA

E ela se chama Paquita Rico. Morena cem por cento e muito parecida com as cariocas. Seu filme «Morena» passou sem fazer sucesso, mas pessoalmente todos nós a adoravamos muito.



DOLORES DEL RIO
Grande atração de simpatia em Cannes. Na última hora, a direção do Festival estava bastante contrariada com a falta de interêsse dos famosos artistas pelas festas de Cannes. O certo é que Dolores Del Rio atravessou o Atlântico num belíssimo vôo direto do México a Paris a bordo dum aparelho da «Air France». Disse-nos Dolores que brevemente irá ao Rio. E que acredita mesmo vir a rodar uma produção no Brasil sob a direção de algum brasileiro. Dolores aceitou o convite para comparecer ao Festival de Cinema do Rio em 1953

EM CANNES, COM OS "ASTROS"



Esta é a filha de Glória Swanson, Michele Farmer e o seu marido, Bob Ammon



Estrêla Michelino Presle; di[...]
Bob Marshall, esp[...]

Mas ês[...]
aplaudi[...]
je ela [...]
o diret[...]
cappoto[...]
filmes [...]
muito [...]
estêve [...]
bassad[...]
Hoje, [...]



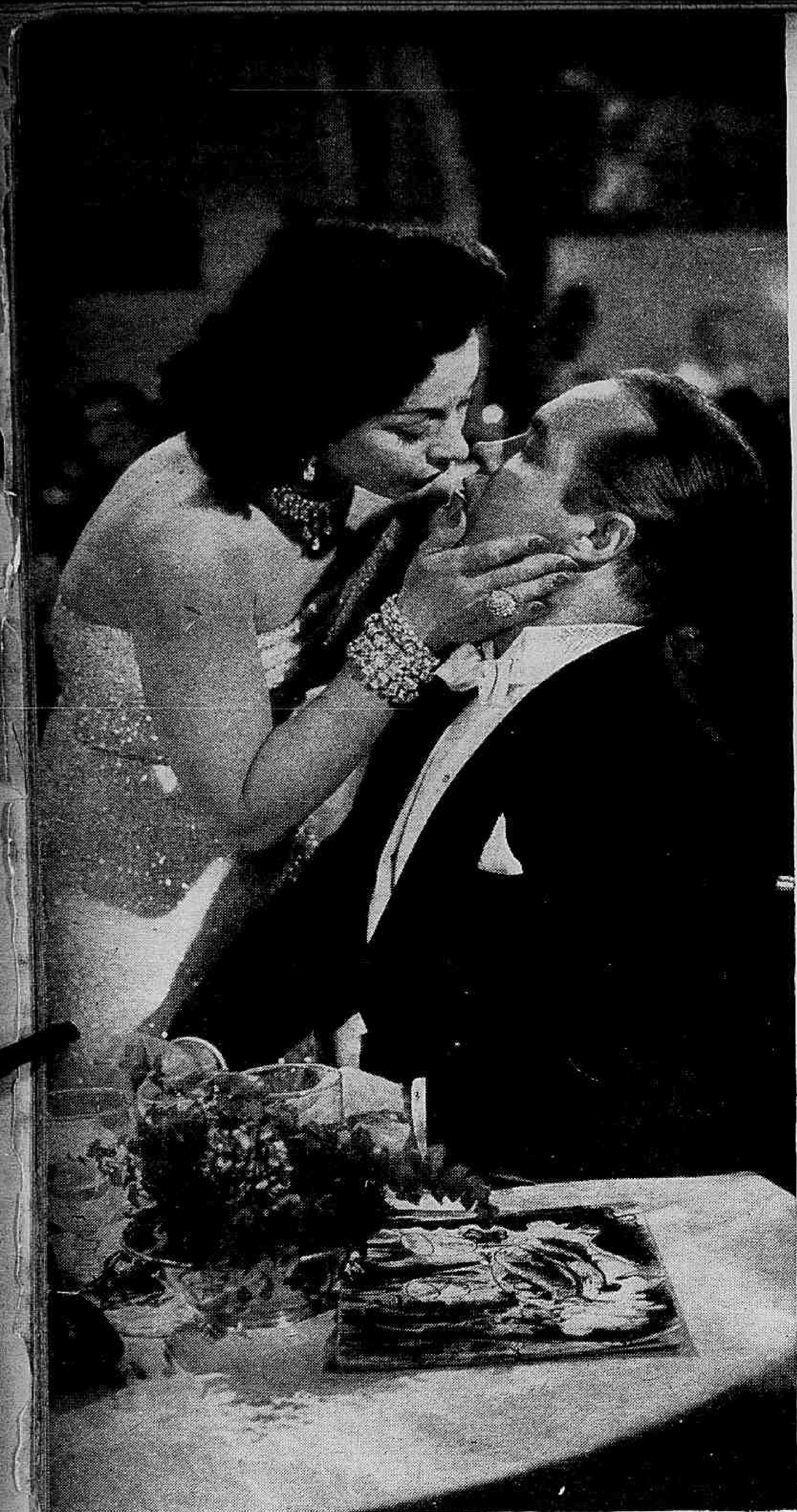
AMOR, AMOR, AMOR... Glória de Haven e Gostavo Rojo. Ela, dos Estados Unidos, e êle da Espanha. Mas o a mor tem caráter Universal

última
con-
os ar-
Dolo-
íssimo
apa-
e pre-
ver a
de al-
para
m 1953



diretor Bernard Blier e
espôso da estrêla

êste é o nome do filme onde nós a
udimos no Rio no ano passado. Ho-
la está em Cannes com o seu marido,
retor Alberto Lattuada, que, em «Il
poto», repetiu a performance de seus
es anteriores. Carla del Poggio é
to jovem ainda Elegantíssima, ela
ve una noite nas festas dos «Am-
sadeurs», e foi a rainha da reunião.
e, ela está aqui apenas com um dis-
creto maiô



A CIGANA ME ENGANOU

ELENCO:

Bailey	Stephen Chase
Hoenig	Luiz Van Rooten
Peanuts White.	Bob Hope
Lily Dalbray ..	Hedy Lamarr
Brubaker	Francis L. Sullivan

História e adaptação por Edmund Beloin e Lou Breslow — Argumento de Edmund Hartmann e Jack Sher. Filme da Paramount

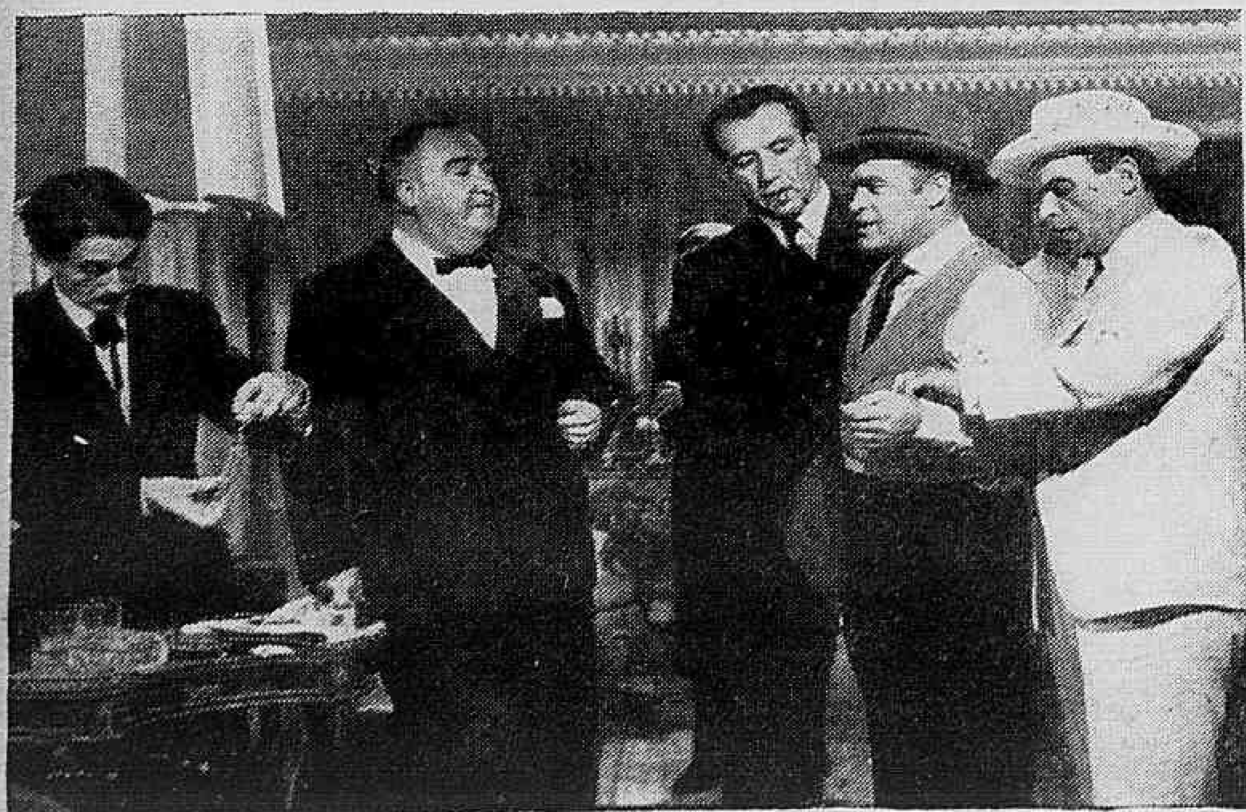
BAILEY, chefe do Departamento de Segurança do Govêrno, tem estado, por meses, no rastro de Eric Augustine, espião internacional e perigoso assassino. Os detectives sabem que Augustine é o único que os poderá levar até Hoenig, misteriosa figura que conseguiu fugir da Alemanha com um rôlo de microfilme contendo planos para a construção de um avião automático que poderá dar a volta ao mundo. Como o segrêdo da bomba atômica já não mais está tão seguro, êsse plano constitui uma ameaça à segurança do mundo. Em vista disso, o Departamento do Govêrno está empenhado em guardar êsse projeto, retirando-o da circulação. Bailey sabe que Augustine está indo para Tanger, onde comprará o plano de Hoenig. Infortunadamente, um guarda do aeroporto manda Augustine para o hospital com um certeiro tiro.

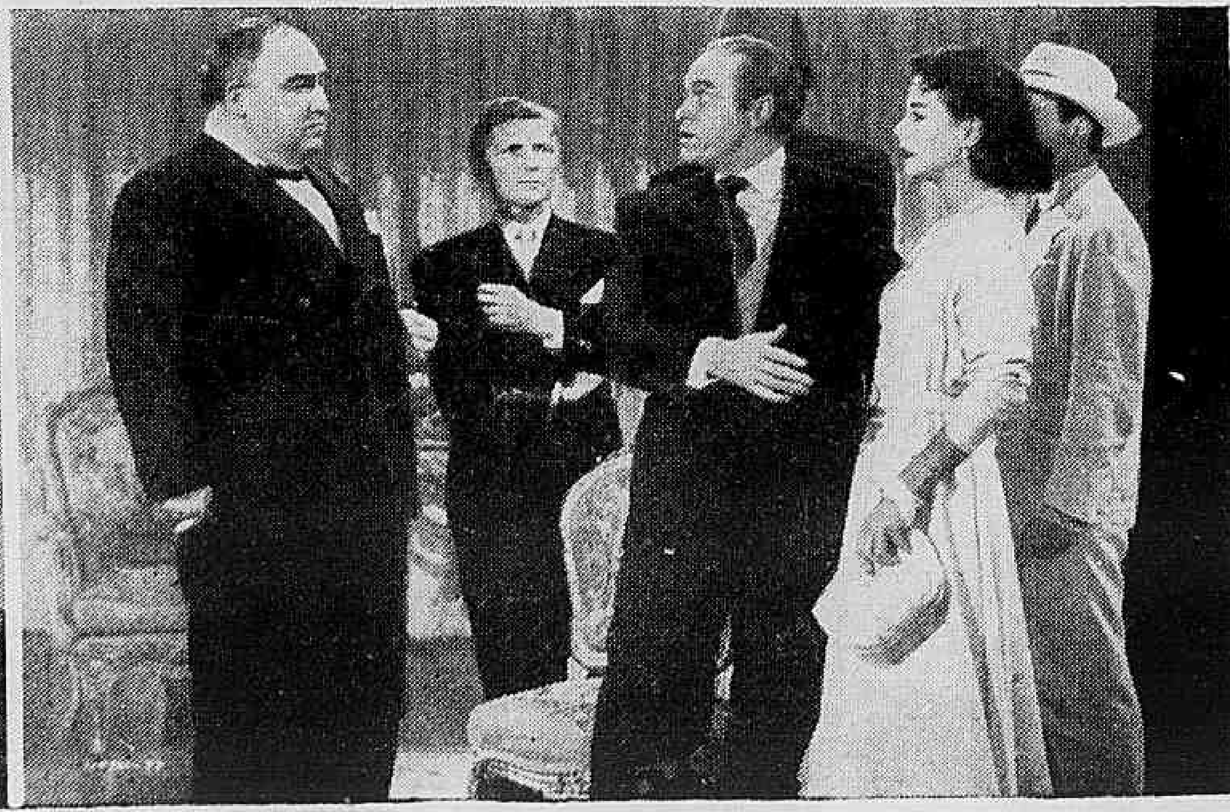
Assim é que Peanuts White, comediante do teatro burlesco de New York, vê-se envolvido na intriga. Exceto pelas maneiras suaves do espião, Peanuts se parece muito com êle. Vendo que um atraso seria fatal para os seus planos, Bailey convence a Peanuts que se travista no espião ferido, ensinando-lhe o seu linguajar e maneiras, pondo-o no avião para Tanger, com um milhão de dólares no bôlso, para a compra. Peanuts está assustado, mas não pode voltar atrás, mas ficaria apavorado se soubesse que Augustine voltou a si no hospital e avisou ao agente da Segurança que o seguisse.

Em Tanger, Peanuts é encontrado e acompanhado ao hotel por Lily Dalbray, que tem um quarto pegado ao seu. Peanuts fôra avisado por Bailey que Lily e Augustine já tinham trabalhado juntos, haviam-se traído mùtuamente e que ela era uma mulher perigosa. Lily crê que Peanuts é Augustine e sabendo do negócio entre o espião e Hoenig, resolve tomar a confiança dêle. Peanuts está cativado por sua beleza e Tasso o agente de segurança na Algéria, tem de chegar ao ponto de avisá-lo para não esquecer o encontro com Hoenig.

Lily está também por êsse encontro, porque ela e Brubaker, um espião seu companheiro pretendem encontrar Hoenig primeiro e tomarem o microfilme. Já há suspeitas de que Peanuts não seja Augustine. Quando uma cigana traz-lhe um aviso de Hoenig, Peanuts e Tasso dirigem-se para o lugar marcado,, mas são encontrados pelos capangas de Brubaker. Tasso é pôsto fora de si, porém Peanuts consegue fugir e encontrar-se com o sinistro Hoenig, comprando-lhe o microfilme e escapando com vida. Já no hotel, tenta convencer Lily para que fuja com êle. Ela acede, pois está começando a gostar dêle, mas, depois, muda paradoxalmente de idéia. Ela não sabe que o cilindro roubado por ela de Peanuts está vazio, pois êle o havia escondido. O verdadeiro Augustine aparece e força Lily a dar-lhe o cilindro, mas é morto por um dos capangas de Brubaker. Achando o cilindro vazio, Brubaker rapta Peanuts, mas Lily, tendo descoberto a verdadeira identidade do cômico, ajuda-o a fugir. Juntos, êles iludem aos bandidos, escapando num carro de bombeiros. O bando de Brubaker é prêso pelos agentes, acusado pelo assassinato de Augustine.

Peanuts devolve o microfilme a Tasso e Lily abandona a espionagem para casar-se com Peanuts.





EXPERIÊNCIAS PESSOAIS SÔBRE O CINEMA BRASILEIRO



MARIO CIVELLI

(Continuação)

Hoje, que a minha sociedade começa a compreender o que é fazer cinema, compreende também a necessidade de demorar mais na preparação dos filmes, compreende que essa preparação não eleva o cus;o da produção, mas beneficia comercial e artìsticamente o produto. Muitos dirão que eu poderia ter tentado explicar melhor êsse ponto ao financiador no comêço. Ao que eu respondo: vocês acham que uma pessoa leiga possa acreditar sinceramente que discutir um mês mais, se o galã têm ou não têm que brigar com a moça possa trazer um benefício ao filme?

Hoje em dia, creio que a minha situação seja mais ou menos a situação de todos vocês, que como eu assumi o compromisso comigo mesmo de tirar fôlego na preparação do filme, acho que todos vocês também, terão chegado a mesma conclusão. Não prejudicar o orçamento, mas cuidar com mais carinho dos primeiros dois problemas que aqui enfrentamos: o financiador e a preparação da história.

Resolvidos êsses dois problemas, vamos enfrentar aquêle que parece o mais terrível, mas que é o mais simples, porque não depende de terceiros, depende exclusivamente de nós: nós produtores, nós diretores de produção, nós diretores artísticos, cortadores, operadores, técnicos de som, cenógrafos, maquinistas, eletricistas, maquiadores, atores, depende exclusivamente de todos nós juntos, trabalhando de lado a lado, vencer êsse obstáculo que representa a todos e que se chama produção.

Uma vez resolvidos os problemas da enquadração e do financiamento inicia-se a preparação e a realização pròpriamente dita do filme. Todos os problemas que enfrentamos, daí por diante, até o acabamento do filme, são, na maioria das vêzes, de fácil solução, porque como disse, depende exclusivamente de nós, técnicos, que temos todos o mesmo interêsse. Não precisamos convencer o diretor de fotografia de que êle deve fazer um trabalho lindo, porque seu interêsse é o mesmo que o nosso, e, assim por diante, catalogando as várias secções.

Para podermos ficar dentro do orçamento, fator êsse que resolve pràticamente o problema de financiamento, existe uma só fórmula: *rapidez*. Para conseguir fazer os filmes com rapidez, é necessária uma coordenação e cooperação de tôda a equipe e que cada um sinta a responsabilidade do seu lugar, dentro da engrenagem dentro da realização do filme. Cada qual deve ter a fôrça de sacrificar em parte as suas aspirações ou as suas possibilidades para o interêsse geral do filme. E' preciso que o cenógrafo compreenda que não é muito importante a cenografia em si mesma. O que é importante na cenografia, é a sua utilidade no filme. E' necessário que o diretor artístico compreenda que não podem existir dúvidas na hora da filmagem. Não se pode improvisar ou discutir cenas novas. Tudo deve ser discutido préviamente. Uma vez aceito um determinado ator, uma vez aceita determinada sequência, deve se fazer o impossível, para que isso seja realizado o mais ràpidamente possível. E' preciso que os diretores se adaptem por vêzes, e compreendam que por mais que a produção queira fazer, muitas vêzes se encontra na impossibilidade de arrumar determinadas cousas ou determinados atores. Os diretores de fotografia devem compreender que é melhor uma qualidade de fotografia 50% por 2.500 metros de uma qualidade 80% ou 100% alternadamente em 1.500 metros. A produção deve compreender a importância dos maquinistas, eletricistas, assistentes, figurantes, deve compreender que têm que obedecer uma administração rigorosa. Os atores, tanto dos grandes papéis, como das pontas, devem encarar o cinema profissionalmente, não apenas como uma renda extra ou uma possibilidade de aumentar o seu cartaz. Devem compreender que cinema quer dizer sacrifício, pontualidade e muitas vêzes uma disciplina férrea. E' necessário que os atores acabem com o desrespeito com os novos diretores ou para com os eventuais assistentes. Deve-se compreender que existe uma hierarquia cinematográfica e que não tem nenhuma importância, nem é uma ofensa ter que ensaiar com um assistente de direção que provàvelmente é calouro. Êsse assistente recebeu as suas instruções e a responsabilidade que lhe foi confiada é proporcional aos seus conhecimentos. A produção deve saber calcular quantas horas aguenta a equipe, sem chegar ao cansaço. A produção não deve abandonar nunca nenhum setor sem controle, porque cada setor é uma célula e o seu atraso, pode parecer insignificante no momento, mas juntando todos êsses insignificantes atrasos, chegaremos a um atraso prejudicial ao orçamento e a própria continuidade do filme. A produção nunca deve permitir um atraso de filmagem, causado ou por um cenário que não esteja pronto, ou por um ator doente, ou pelo tempo. A realização do filme deve ser encarada como uma luta contra o tempo. Deve-se ter sempre alguma cousa de reserva para não ficar parados. Deve-se poder discernir quando vale a pena repetir uma cena e quando é supérfluo. E' muito importante que todo o pessoal que faz parte de uma equipe se sinta tratado materialmente em paridade, porque só dando essa igualdade de tratamento, obter-se-á o esfôrço não de alguns entre a equipe, mas da equipe inteira.

Acredito, que, salvo algumas exceções, na normalidade das produções, deve-se seguir êsse sistema que eu disse. Os últimos três filmes que realizei, não ultrapassam os 31 dias de filmagem. A maioria das pessoas estão convencidas que êsse, seja um fenômeno tìpicamente "civelliano", assim como a doublagem em 6 dias, mixagem em dois, música em um dia. Posso lhes garantir, que, se existe o fenômeno, não é absolutamente um fenômeno pessoal, mas coletivo, porque não fui eu sòzinho que consegui fazer tudo isso. Foi uma equipe que, cônscia da responsabilidade que tinha, acompanhou a produção, de forma a abreviar o mais possível o tempo de trabalho, sacrificando, as vêzes, uma parte do setor pessoal, em benefício geral. Assim como a minha equipe conseguiu fazer isso, estou certo de que qualquer outra equipe bem orientada, tenha possibilidade de fazer o mesmo. Creio que não obstante os vários problemas da produção, como sejam: construções, material, atores, figurantes, tempo, pode-se fazer perfeitamente uma produção normal em prazo máximo de 45 dias.

Para finalizar gostaria de apresentar à esta assembléia duas sugestões que, creio eu, viriam a facilitar de muito a produção nacional.

A PRIMEIRA é fazer um levantamento geral de todo o material técnico existente, tabelado a um preço razoável e obrigar todos os proprietários dêsse material a alugar a outros produtores independentes o que não estiverem usando.

A SEGUNDA sugestão é a de criar uma organização ou sindicato onde todos os que queiram fazer cinema possam ser fichados, e ao qual todos os produtores recorram para qualquer necessidade, seja essa de figurantes ou de contra-regras.

Muita gente acredita no problema de distribuição e nos trusts exibidores. Êsse problema existirá sòmente se no Brasil se produzirem filmes ruins, de baixo nivel artístico e comercial. Não creio na existência dêsse problema no caso em que o produto que oferecemos ao público seja de acentação geral.

A idéia que muita gente teve, de criar uma distribuidora geral, onde todos os produtores entregariam as próprias fitas pagando uma porcentagem baixa é muito boa, mas só poderá ser aplicada no momento que existir no Brasil uma média geral de produção.

Acima de tudo, devemos nos lembrar sempre de que, fazer cinema é uma responsabilidade, não só pelos eventuais danos causados aos financiadores, não apenas pelas ilusões que muita gente pode perder, mas principalmente, porque o cinema é o veículo mais rápido para influenciar centenas de milhares de pessoas. Devemos ter sempre isso em mente quando fizermos um filme, porque êste é feito para o público e qualquer coisa que venha a ser exibido, poderá repercutir bem ou mal, sôbre muita gente, principalmente sôbre as crianças e os moços.

MERGULHO PARA A MORTE



O ex-mergulador da marinha Artilheiro McNeil, está certo, por experiência própria, de que garôtas e escafandristas não podem se misturar. Seu sócio, Pete Hunter, discorda dêle, de modo que, quando a encantadora «Suntan Radford» propõe a ambos um negócio que lhes renderá dez mil dólares, negócio êsse que consiste em irem êles até o fundo do mar para fazer explodir o navio «Vespão dos Mares» que há anos havia nafragado próximo de Barracuda Point, Artilheiro não aceita a proposta, porém Pete, apaixonado à primeira vista pela pequena, resolve executar sòzinho essa tarefa. e vem a falecer.

Quando Artilheiro toma conhecimento da morte de seu companheiro, inicia uma investigação que o leva até a presença de Tony Sullivan, o proprietário do hotel «Padre Inn» e que era o imediato do «Vespão dos Mares» quando êste afundara com um milhão de dólares em ouro. Suspeitando que Sullivan está de posse dêsse dinheiro, Artilheiro inclui Suntan nas suas suspeitas e começa a sair com Ginger, a cantora da «boite» do hotel.

Entretanto, com a chegada de Johny, o irmão de Suntan, que é aluno da Escola Naval, Artilheiro vem a saber que o pai de ambos era o comandante do inditoso navio e que Suntan acredita na história que Sullivan lhe havia contado de que fôra obrigado, a dizer nas suas declarações, que o navio havia sido torpedeado, para encobrir seu pai, que, por estar bêbado, avariara o barco nos abrolhos em Barracuda Point.

Com o auxilio de seu amigo Swede, Artilheiro consegue arrancar do dono do bote que transportara Pete até Barracuda para êle mergulhar, a verdade sôbre a morte de seu amigo — Sullivan havia matado Pete e fechado o seu compressor, quando êste, no fundo do mar, descobrira algo que aquêle não desejava que fôsse descoberto.

Sullivan e seus capangas colocam uma dinamite no fundo do mar para que «Vespa dos Mares» seja explodido dentro de uma hora. Lutando, entretanto, com o pouco tempo de que dispõe antes da explosão, Artilheiro mergulha, encontra o esqueleto do comandante assassinado e provas de que o barco naufragara por ter sido dinamitado do lado de dentro. Após uma violenta batalha Sullivan e seus homens são aprisionados, o dinheiro é encontrado escondido no «Padre Inn» e, na posse de cinqüenta por cento dêsse dinheiro que lhe cabe por havê-lo descoberto e com Sutan nos seus braços, Artilheiro reconhece então que, às vêzes, as garôtas e os escafanndristas devem misturar-se...

(THE SEA HORNETS)

E L E N C O :

Artilheiro McNeil	ROD CAMERON
Suntan Radford	ADELE MARA
Ginger	ADRIAN BOOTH
Swede	CHILL WILLS
Tony Sullivan	JIM DAVIS
Johnny Radford	RICHARD JAECKEL,
Pete Hunter	JAMES BROWN
Rocky Lowe	GRAN WITHERS

Produtor — Diretor Joseph Kane

Um filme Republic





Jazz em CENA

de RAMALHO NETO

HOMENS DO JAZZ

(Continuação II)

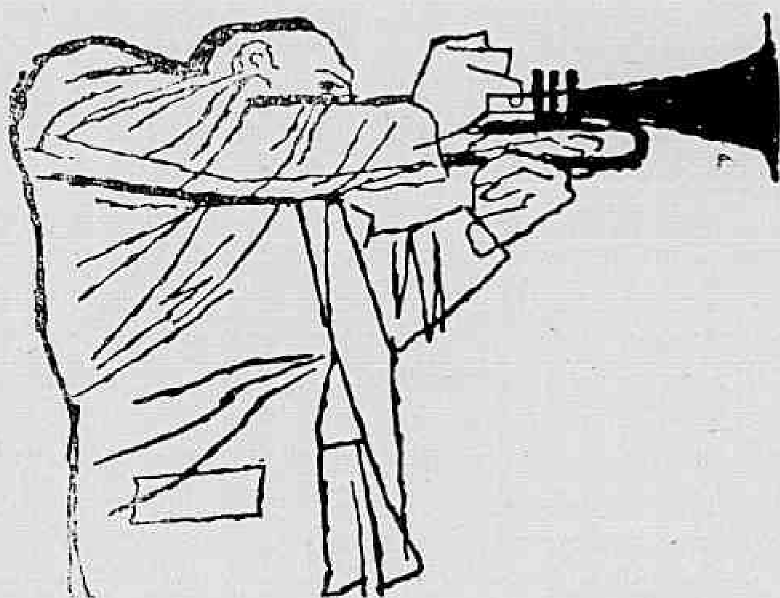
JOE "KING" OLIVER

NASCEU em New Orleans, em 1885, e durante sua infância viveu na mais completa miséria. Igual a grande maioria dos músicos de New Orleans, Joe desde cedo se sentiu fascinado pela música. Começou a tocar corneta porque tinha uma genuina vocação o que permitiu que integrasse uma banda de instrumentos de sôpro, constituída por jovens, que dava concertos nos distritos suburbanos da cidade. Mais tarde ganhou a vida como mordomo, sem contanto, deixar a música de lado. Seus patrões reconheceram nêle tanto amor e simpatia que tinha pela música, que êstes o dispensavam dos serviços domésticos tôda vez que tinha que cumprir algum compromisso musical.

Entretanto a medida que ia se fazendo homem, o ragtime evolucionava. Contava 12 anos — em 1897 — quando apareceu o primeiro sucesso do Ragtime, "Georgia Camp-Meeting", de Kerry Mills que demonstrou que o ragtime estava fadado a perdurar.

Dois anos mais tarde surgiu o "Maple Leaf Rag" de Scott Joplin, que procedendo de Sr. Louis havia conquistado de assalto New Orleans. Ao mesmo tempo surgiram intérpretes negros que podiam executar esta música em seu próprio idioma, homens como Buddy Bolden e Freddie Keppard, que ao finalizar a década 1890-1900 haviam conquistado enorme popularidade.

Buddy Bolden era um modêlo digno de imitação para todos os intérpretes do ragtime; e Joe Oliver não era exceção. Estudou o estilo de Bolden, o imitou e logo tratou de aperfeiçoá-lo. Integrou várias bandas, experimentando sempre diferentes estilos de interpretação; em um dos seus primeiros empregos como músico, foi imediatamente despedido por tocar demasiado forte. Como todos os bons intérpretes do ragtime, adquiriu sua experiência tocando em bandas pequenas, buscando em todo momento, com empenho, a materialização de um estilo que havia de ser seu. Por fim pôde organizar uma banda própria. Logo foi criando renome por tôda New Orleans. A maioria dos músicos da época, logo após terem adquirido reputação, buscavam empregos em Storyville. Tal fêz Oliver. Se ocupou dos múltiplos trabalhos de menor renome, sem chamar muito a atenção, porque Storyville só tinha ouvidos para escutar aos seus favoritos: Bolden, Keppard e Pérez. Sem desanimar, Oliver resolveu pôr a prova seus méritos de uma maneira dramática e decisiva. Certo dia, quando tocava em um cabaret de propriedade dos irmãos Aberdeen, Joe ordenou a seu pianista que tocasse um acorde em si bemol. Começou a executar, cativado por uma inspiração que fêz surgir uma qualidade totalmente nova em seu tom.



Seu pianista continuou entoando com firmes toques, os acordes requeridos, ao par que Oliver prosseguia a execução de seu instrumento, com notas brilhantemente articuladas. A medida que tocava Joe atravessava o recinto do cabaret para ganhar a porta. Dirigiu logo seu trumpet em atitude desafiante para a casa de Pete Lala, onde se exibia nesse momento Keppart e sua banda "Clímpia" e entonou um acorde particulrmente difícil com incomparável facilidade. Logo, com o mesmo atrevimento, dirigiu outra intrincada frase musical, para a casa onde trabalhava Manuel Pérez. E prosseguiu tocando. Bem logo, todos os bares e cabarés dos arredores se viram despojados de seus clientes. Os assiduos concorrentes de Storyville, o seguiram eletrizados por esta fabulosa criação musical. Depois dêsse episódio, sempre se expressaram com referência a Joe, qualificando-o de "Rei". Se converteu no "ás" dos trumpetistas da banda de Kid Ory (a primeira de New Orleans) e contava com um exército de discípulos.

Igual a maioria dos intérpretes do Ragtime, Joe Oliver começou a sentir-se aprisionado e restringido em New Orleans, uma vez que havia conseguido firmar-se como um dos melhores músicos daquela cidade. Necessitava conquistar novos mundos. Observava-se então, uma propensão entre os músicos, à emigrar para o Norte, principalmente para Chicago, onde o ragtime começava a infiltrar-se.

Joe seguiu esta tendência por perto de 1918.

Tal como ocorrera em New Orleans, Oliver se fêz rei em Chicago, em cuja cidade apareceu pela primeira vez com duas bandas diferentes, uma formada em Dreamland e a outra em Royal Gardens. A exímia maestria do trumpete e a faculdade de improvisação de que estava dotado, conquistaram-o numerosos admiradores. Oliver formou uma banda, que sob sua direção, atuou em Dreamland, gosando logo fama nacional, depois de uma feliz tournée, com sua banda, sob a designação de "King Oliver's Creole Jazz Band". Depois de realizar esta tournée, Oliver regressou a Chicago para cumprir um longo contrato no Lincoln Gardens. Era tido, com razão, como o maior trumpetista da época e como um dos mais brilhantes improvisadores do ragtime. Não obstante, dia menos venturosos estariam por vir. Uma série de infortúnios, o primeiro dos quais foi um incêndio que destruiu as instalações do Lincoln Gardens, marcava a trajetória do seu fracasso. A verdade é que destinos como êste, pareciam rondar a felicidade da maior parte dos músicos de New Orleans. Buddy Bolden perdeu a razão: León Rappollo, o maravilhoso clarinetista contraiu uma grave moléstia, foi internado em um sanatório: Stale Bread, ficou cego. Joe Oliver não foi uma exceção. Depois de haver suportado alguns rudes revezes, começava a ceder seu temperamento e seu orgulho.

O Rei recusava admitir a possibilidade de que outros pudessem tirar-lhe o cetro; deveria ser a figura principal de todos os espetáculos. Sua saúde se ressentiu atacado de piorréa, foi perdendo os dentes, a tal ponto que não pôde tocar mais seu instru-

(Cont. na pág. 34)

PARA O SEU "PICK-UP"

DISCOS LANÇADOS ÊSTE MÊS NO BRASIL

DORIS DAY — We Kissed In A Shadow e My Life's Desire (Columbia).

DINAH SHORE — Just One Of Those Things e I Get Along Without You Very Well (Columbia).

BILLY ECKSTINE — Blue Moon e You Go To My Head (MGM-.

GORDON MAC RAE — Prisoner of Love e The Say It's Wonderful (MGM).

BING CROSBY — Please e Too Marvelous For Words (Decca)

ELLA FITZGERALD — Come On — A My House e You Turned The Tables On Me (Decca).

LENITA BRUNO PREPARA-SE

UM TALENTO QUE VEM DO BERÇO ★ AOS DOZE ANOS A PRIMEIRA VITÓRIA ★ LENITA BRUNO, OS LIVROS E O CANTO ★ UMA "LADY-CROONER" EM BUSCA DE ORQUESTRA... ★ A MUSA DE LYRIO PANICALI ★ "UM DOMINGO NO JARDIM DE ALLAH", O PRIMEIRO DISCO ★ AOS VINTE E SEIS ANOS DE IDADE PREPARA-SE PARA A ÓPERA

Texto e fotos de ANTONIO ROCHA

CORRIA o ano de 1950 quando foi exibido no Brasil o filme "Words and Music", uma biografia cinematográfica da famosa dupla de compositores Rotlgers & Hart. Nesse filme foram apresentadas as composições que os tornaram famosos, dentre as quais "Lover".

Lenita Bruno, uma das maiores intérpretes de músicas americanas, que temos, incluiu "Lover" em seu repertório. Na primeira oportunidade cantou-a ao microfone da Rádio Nacional. Esta oportunidade lhe foi oferecida por Lyrio Panicali, que a escalou para o seu programa das quartas-feiras.

No dia do programa, o locutor anunciou :

— E dando prosseguimento a êste programa, ouçamos Lenita Bruno em "Lover", de Rodgers & Hart.

A orquestra de Lyrio Panicali deu a introdução. Lenita chegou-se para perto e começou a cantar. O maestro, conduzindo a orquestra, impressionou-se com a interpretação de Lenita. Após o programa, num arroubo de inspiração, sentou-se ao piano. Começou tirando alguns e ao terminar, havia composta uma valsa.

Paulista, Lyrio Panicali sempre mostrou especial predileção por outro compositor da Paulicéia, Ewaldo Ruy. Entregou-lhe a valsa que compusera para Lenita, a fim de que fizesse a letra.

—Ewaldo, — disse Lyrio Panicali, — acho que esta valsa deveria ter o título de "Um domingo no Jardim de Allah". Quem sabe se você não poderia fazer uma letra neste sentido ?

— E' uma boa idéia, Lyrio, — concordou Ewaldo. — É isso mesmo que vou fazer...

A Lenita, Lyrio declarou :

— "Um Domingo no Jardim de Allah" foi composto para você... e é você quem o vai gravar...

CUMPRIDA A PROMESSA: — Passou-se um ano. José Menezes ouviu a música, cantada no programa de Lyrio, por Lenita. Interessou-se por ela. Falou com o maestro sôbre a possibilidade de gravá-la, em solo de violão. Lyrio concordou. José Menezes mostrou a música a Paulo Serrano, diretor artístico da Sinter, etiqueta que o tem sob contrato. Èste gostou da música.

— Sabe, Menezes, — disse Paulo ou ouvir a música, — tenho pensado bastante na possibilidade de gravar em "play-back" com você. Esta música vem a calhar para isso.

Dito e feito. "Um Domingo no Allah", gravado por Menezes em sommontagem, executando seis violões simultâneamente, representou uma inovação na indústria discófila nacional. Comercialmente, esta música também foi um grande sucesso.

Mas Lenita ainda não gravara. Esperava pacientemente sua oportunidade. Sabia que esta viria, mais cedo ou mais tarde. E veio. Paulo Serrano, aceitando uma sugestão de Lyrio Panicali, ouviu Lenita em um programa da Rádio Nacional, interpretando "Um Domingo no Jardim de Allah". Imediatamente resolveu convidá-la para gravar esta bela valsa na Sinter.

Lyrio fez a orquestração. Com Ewaldo Ruy, compôs o beguine "Enquanto Houver", também para Lenita, a fim de completar o disco. Foi marcada a data da gravação. Esta foi um sucesso. Depois de terminada, Paulo exclamou :

— Não sei quem poderia interpretar melhor sua valsa, Lyrio.

Lyrio, acendendo um cigarro, sorriu e respondeu :

— Nem eu, Paulo... porque a compus especialmente para Lenita...

ENTRE OS LIVROS E A MÚSICA — O sucesso de Lenita não abalou nem um pouquinho. Desde sua infância estava acostumada a ser bem sucedida. Ainda em idade muito tenra, costumava cantar nas festinhas familiares. Èsse fato muito orgulhava seus pais, italianos que presavam a arte do bel-canto. Com doze anos ela en-



«ADORO ASSOVIAR»

Com a tenra idade de doze anos, Lenita venceu sua primeira prova artística, ao ser classificada em 1º lugar no programa «Em Busca de Talentos», de Celso Guimarães, através da Nacional



ENQUANTO HOUVER...

Apreciadores de uma bela voz e de um belo palminho de rosto na terra, Lenita Bruno será um sucesso. Há fãs que lhe telefonam apenas a fim de ouvir sua voz. Ela canta e encanto. Não é mesmo?



«UM DOMINGO NO JARDIM DE ALLAH»

Lírio Panicali inspirou-se em Lenita para compor bela valsa: «Um Domingo no Jardim de Allah». O título é sugestivo. A música também. A intérprete, idem. Em que estaria Lírio pensando ao dar êste título à valsa?

PARA A ÓPERA

frentou um microfone pela primeira vez na vida. Inscrita por seus pais no programa de calouros da Rádio Nacional "Em Busca de Talentos", animado por Celso Guimarães, compareceu com seus pais ao auditório da emissora da Praça Mauá.

O nervosismo a dominava. A custo controlava-se. Até que, finalmente, Celso a chamou :

— Lenita Bruno...

Ela se dirigiu ao palco.

— O que vai cantar, Lenita ? perguntou Celso, como qualquer outro animador, embora sabendo piamente que ela ia interpretar "I Love to Whistle" (Adora assoviar).

"I LOVE TO WHISTLE"

— Ouçamos, então, Lenita Bruno, interpretando "I Love to Whistle" criado por Deanna Durbin, em um de seus mais recentes filmes...

Ao terminar, foi aplaudida estrondosamente. Celso preconizou-lhe um brilhante futuro, se seguisse a carreira musical. Ao fim do programa foi classificada em primeiro lugar.

A partir de então, a vida de Lenita se transformou num insuportável dilema. Cursar a escola normal ou ingressar no mundo artístico. Seus pais lhe deixaram fazer a escolha. Desejavam-na feliz. Além disso, nada mais importava. Por dois anos, Lenita não tomou uma resolução. Finalmente, com 14 anos, chegou para perto de seu progenitor, e lhe disse :

— Papai, eu gostaria de estudar canto...

— Como você queira, minha filha...

Ato contínuo, a professôra de canto passou a ir quase que diàriamente à casa de sua jovem e promissora aluna no Icaraí. Dentre os livros e a música, Lenita preferiu a segunda. O fascínio da arte era, para ela, inelutável.

"UMA LADY-CROONER À PROCURA DE UMA ORQUESTRA...". — Naquela ocasião, Chiquinho através da Rádio Clube do Brasil, anunciava um interessante concurso. "Chiquinho à procurad e uma *lady-crooner*". Como Lenita Bruno fôsse uma *lady-crooner* em busca de uma orquestra, inscreveu-se sem demora nesse interessante pleito. Apresentou-se logo no primeiro programa de seleção. De uma a uma, Lenita foi vencendo suas concorrentes. Cada programa que se passava aproximava ainda mais sua vitória definitiva. Atravessou as eliminatórias e seu um suspiro de alívio. Passou pelas semi-finais e esboçou um sorriso em seu rosto bonito. Venceu o concurso e assinou um contrato de seis meses na PRA-3. Achara sua orquestra e Chiquinho achara sua *lady-crooner*. Nessa ocasião Lenita gravou seu primeiro disco, contendo "Maria Helena", em versão, a qual alcançou bastante repercussão.

UM DISCO QUE CUSTOU — Terminado seu contrato na PRA-3, Lenita ingressou na Rádio Mayrink Veiga, onde permaneceu até 1946, ao ser convidada para transferir-se para a Nacional. Aceitou e até hoje permanece como contratada da emissora do Edifício "A Noite".

Sua maior aspiração é cantar música clássica. Sonha com grande ópera. Para isso estuda canto em tôdas as suas horas vagas. Tendo grandes qualidades interpretativas e uma voz cheia de beleza, não resta a menor dúvida que ainda virá a ser uma das maiores sopranos do Brasil e, quem sabe, do mundo. Lenita está muito jovem ainda. Com 26 anos ainda se pode pensar no futuro e preparar-se para êle. Tem fôrça de vontade e talento e, sem a menor dúvida, há de conseguir seu intento.



«NÃO SOU DAQUI...» Lenita Bruno é mesmo de Niterói, mas venceu aqui. Pretendia ser professôra, mas não resistiu ao fascínio da arte. Hoje, divide seu tempo no cuidado do lar, vida artística e estudo de canto



EXPRESSO DE PEKIN



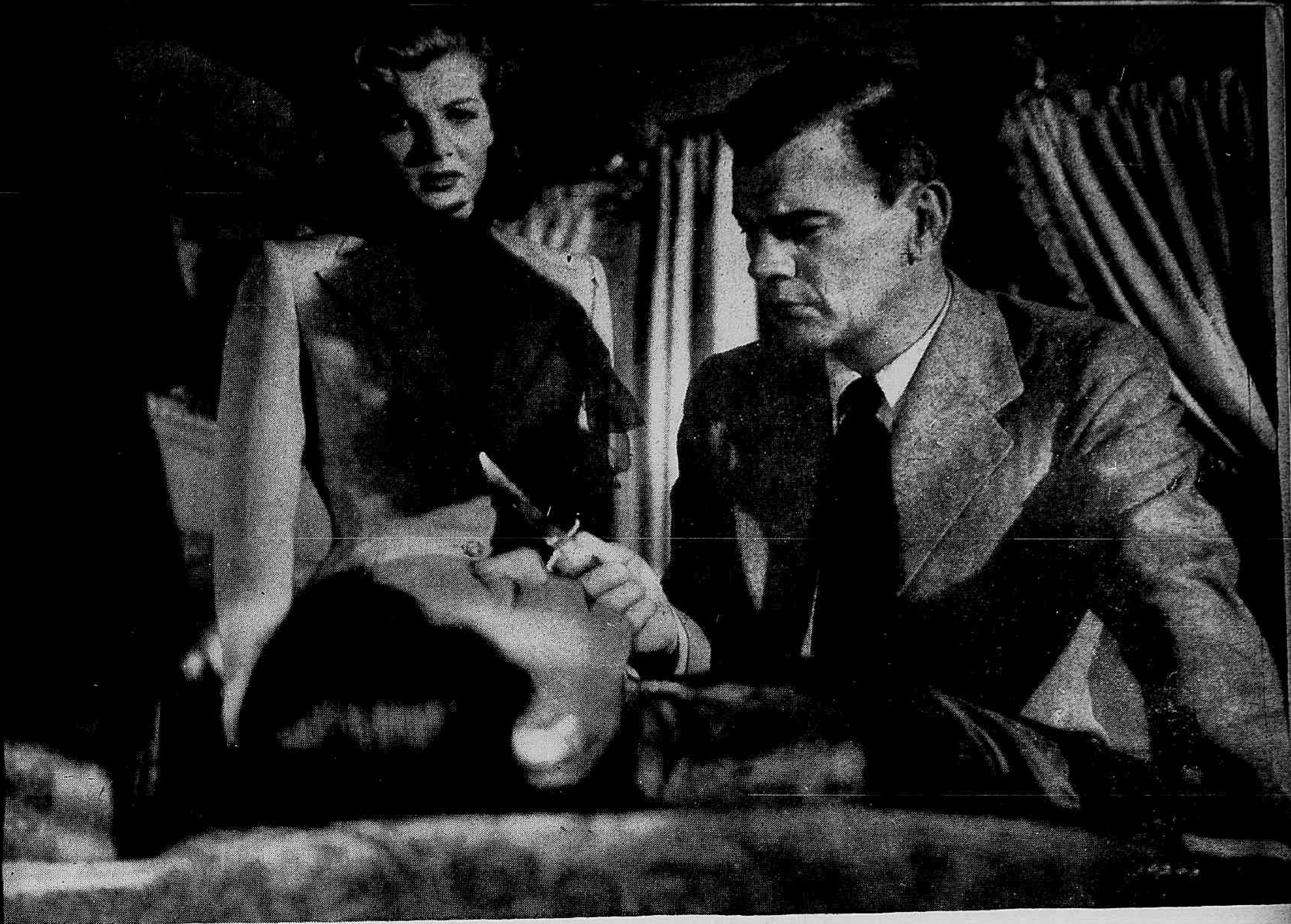
ENTRE os passageiros daquele expresso Shangai-Pekin, estão: Michael Bachlin, médico americano, membro da organização universal de Saúde Pública; Danielle Grenière, aventureira que há cinco anos reside na China. O bondoso padre Murray, Wong, jornalista comunista, o gordo 'tubarão'' Kwon e a atormentada Li Eiu.

Kwon estava à espera de seu filho Ti Shen mas êste, devido a uma denúncia feita pela sua própria mãe, Li Eiu, que prefere vê-lo prêso a sabê-lo nas garras do seu tirânico pai,

Elenco:

Michael	**Joseph Cotten**
Danielle	**Corinne Calvet**
Padre Murray	**Edmund Gwenn**
Kwon	**Marvin Miller**
Ti Shen	**Robert W. Lee**
Li Eiu	**Soo Wong**

Argumento de John Meredyth Lucas — Adaptação por Jules Furthman — História de Harry Hervey



é prêso por agentes nacionalistas na estação de Shangai.

Li Eiu e Danielle instalam-se no mesmo compartimento. Grande é a surprêsa de Michael em reconhecer naquela mulher a jovem que amara há cinco anos em Paris, e que despresara por acreditá-la colaboracionista. Ambos verificam uma coisa: apesar dos pesares, ainda se amam, embora Danielle censure o fato de êle a ter abandonado, sem acreditar nas explicações que ela tentara dar-lhe Michael diz que acredita agora em tudo que Danielle dissera, ao que ela retruca ser tarde demais, pois era realmente o que antes não era: uma aventureira sem escrúpulos e sem moral de espécie alguma. Michael está perplexo, pois sente que a ama mais do que nunca. Jantam juntos, e na mesma mesa estão Kwon, admirador fanático de Danielle, e Wong, que recusa sentar-se ao lado do Padre Murray por considerá-lo "inimigo do povo". Wong também não vê com bons olhos Michael, por êste dizer que o carregamento que esperava e que aliviará os sofrimentos dos feridos, foi confiscado pelos revoltosos. Mais tarde, Michael e Danielle surpreendem Kwon a maltratar Li Eiu e Kwon ameaça Michael caso revele ser Li Eiu sua mulher. No dia seguinte, Li Eiu é encontrada desacordada e ferida, e Michael suspeita imediatamente do tirânico chinês, pela passividade com que recebe a acusação.

Naquela mesma noite, o trem é assaltado por fôrças revolucionárias e vários soldados são mortos, enquanto o expresso pára. Os passageiros são levados para fora, e Michael, Danielle, o Padre Murray e Kwon transportados para uma casa onde têm a surprêsa de conhecer o chefe dos revolucionários: o cínico Kwon!

O plano dêste é o seguinte: persuadir Danielle — que faz espionagem para os russos — a trabalhar para êle, e conservar Michael prisioneiro até que lhe seja devolvido o seu filho, Ti Shen. Kwon sabe que a verdadeira missão que leva Michael a Pekin é praticar uma melindrosa operação no "leader" dos nacionalistas, o General Chung. Wong se enfureceu com os modos despóticos de Kwon, e diz o que pensa dêle em termos bem duros.

Como castigo, o cruel Kwon manda queimar-lhe as mãos; mas tem outro plano diabólico: mandar matar Michael, por considerá-lo uma ameaça no seu caminho. Mas Danielle intercede pelo homem amado; comprometendo-se a unir ao odioso Kwon, poupa a vida de Michael. Chega então, Ti Shen o filho de Kwon, que os nacionalistas enviaram em troca da liberdade de Michael, e todos os passageiros são obrigados a novamente tomar o trem. Michael nota a falta de Danielle, e ao procurá-la, ouve dos lábios de Kwon que ela preferiu a companhia dêle à de Michael.

Michael está magoado, pois imagina ter se enganado quanto aos sentimentos de Danielle, e acha que a moça não mais é digna do seu amor. Enquanto isto, Li Eiu, num assomo de coragem, apunhala Kwon, vindo depois morrer nos braços do filho. Sabendo que os homens de Kwon virão atacá-los Michael força Ti Shen a ordenar a partida do expresso. Segue-se um tiroteio entre os revoltosos e os nacionalistas, saindo feridos Ti Shen e o Padre Murray.

Michael ouve as últimas palavras do Padre Murray que lhe conta a verdade sôbre Danielle. E Michael vai buscá-la, sabendo agora que ela é muito digna do seu amor...



HÁ UM GATO NA MINHA VIDA

ELENCO:

Eric Yeager ..	Ray Milland
Polly	Jan Sterling
Myra Banner..	Elsie Holmes
T.J. Banner ..	Gene Lockhart
Len	William Frawley
	e «Rubharb»

Argumento de Dorothy Reid & Francis Cockrell. Diálogos adicionais de David Stern. Baseado numa novela de H. Allen Smith

VAMOS contar aqui a história de um gato. Chama-se "Rubharb" e não é um gato como os demais. E justamente a sua originalidade em roubar as bolas de "golf" que chama a atenção do multi-milionário T.J. Banner sôbre a sua pessoinha. Banner é o proprietário de um "team" de "base-ball", os "Brooklyn Loons" e simpatiza com Rubharb e quer sua companhia uma vez que êle e sua filha, Myra, não se dão bem.

No entanto, Rubharb não está disposto a ser agarrado, e após muito custo Eric Yeager, o agente de propaganda do "team" consegue dêle se apoderar e trazê-lo para a mansão Banner.

Passam-se os anos, e Banner morre, deixando para sua interesseira filha a quantia de 6.000 dólares anuais, enquanto que para Rubharb, a herança é de trinta milhões! E como o bichano é incapaz de tomar conta do dinheiro e das demais propriedades, Banner nomeara Eric como executor. Myra está furiosa e não se conforma com a decisão de seus pai; tenta anular o testamento e prejudicar Eric, e êste, que não se interessara pelo assunto, muda de idéia e fá-lo aceitar a incumbência, não só em memória a Banner, como para vencer Myra.

A notícia causa sensação no país inteiro! Da noite para o dia, Rubharb torna-se uma figura célebre, procurado por milhares de pessoas que vêm pedir auxílio. E como é agora o proprietário do "team", todos fazem caçoada dos "Brooklyn Loons"...

O "manager" do "team", Len Sickles, que possui interêsses no "team", apavora-se quando vem a saber da decisão dos "Broklyn Loons" de não mais tomar parte em jôgo algum! Eric tem uma inspiração: procura inculcar na cabeça dos rapazes que Rubharb trar-lhes-á sorte. E coincidência ou não, o fato é que logo na primeira vez que levam Rubharb para o campo, vencem a partida... À esta altura, já acreditam que o felino é realmente a "mascote" do "team". E ainda mais, quando Rubharb consegue — por mais estranho que pareça — pôr em fuga a mascote do rival, que é um "bull-dog", a cotação dêle sobe até com a assistência. Agora todos são torcedores de Rubharb, e, por conseguinte, dos "Brooklyn Loons".

Mas como sempre acontece, há alguma cousa que não vai bem. Polly, a filha de Sickles, descobre que tem alergia por Rubharb, e, portanto, êle está atrapalhando os planos matrimoniais dela e de Eric. A verdade é que Rubharb realmente não suporta a presença da moça, arrepiando-se tôdas as vêzes que dela se acerca. O "team" insiste então que Eric adie o casamento, a fim de proteger Rubharb, pois a vingativa Myra já tentou contra a vida do bichano. Compreende-se o receio dos "Brooklyn Loons", êles não querem se arriscar a perder Rubharb, agora que o grande campeonato se aproxima!

Para complicar ainda mais as cousas, Myra abre um processo judicial, acusando Eric de querer impingir um falso Rubharb e que o verdadeiro já morreu. A intenção de Eric — diz ela — é manter a ilusão de que Rubharb está vivo para poder surripiar a fortuna de seu pai!

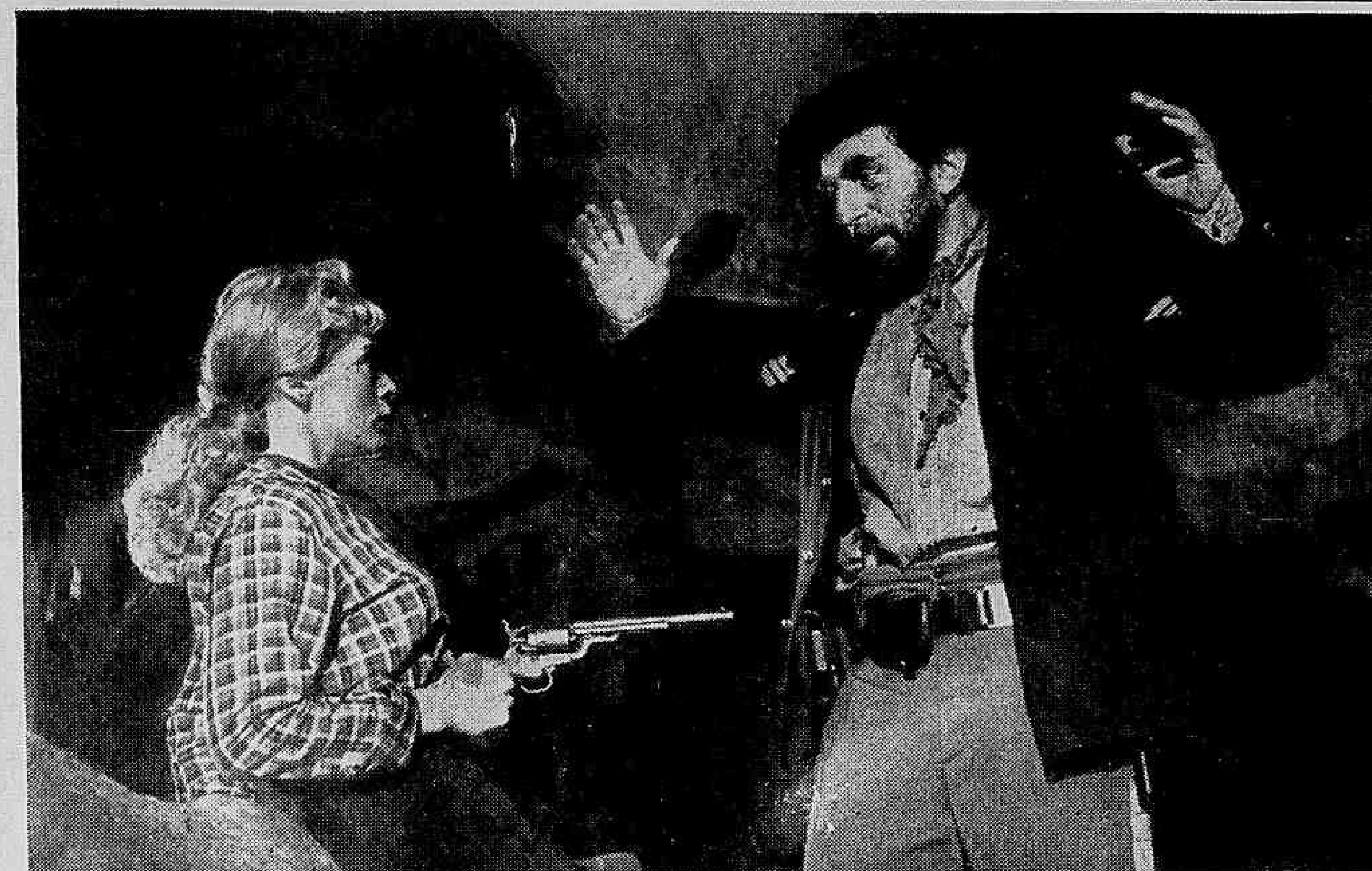
Com o auxílio de Polly, prova a identidade de Rubharb. Tudo se soluciona, porém, na véspera do grande jôgo, o gato desaparece — raptado por um torcedor do outro "team". Há um corre-corre terrível; os "Brooklyn Loons" estão perdendo a olhos vistos, e, quando tudo parece perdido, Eric e Polly encontram Rubharb. E com a volta da "mascote", o "team" se anima, e acaba vencendo o jôgo!

Com a alegria que reina, Eric e Polly fazem os planos para o casamento. E Rubharb — perguntarão vocês — Bem, como êle é irracional e não vive sob o pêso de leis e preconceitos sociais, arranja três companheiros e uma infinidade de herdeiros...











O ÚLTIMO CAUDILHO

Argumento de John Meredyth Lucas, George F. Slavin e George W. George. História de F. Slavin e George W. George

ELENCO:

Capt. Brett Sherwood	Alan Ladd
Chris Monroe	Lizabeth Scott
Lane Waldron	Arthur Kennedy
Quantrell	John Ireland
Braden	Dan White
Sherife	Francis McDonald
Dr. Terry	James Bell

ESTAMOS em 1865, e a Guerra Civil está chegando ao seu término nas cidades do sul. Ao oeste, as esperanças de todos os Confederados converge sôbre os guerrilheiros, principalmente as tropas de Quantrell, temidas pelos inimigos. O tesoureiro do govêrno, Braden, é assassinado em Broken Bow, território de Colorado, e tudo indica ser um trabalho dos Confederados — pensa o Sherife — e imediatamente as suas suspeitas caem sôbre Lane Waldron, um jovem sulista que fôra capturado em Vicksburg e que estava sob livramento condicional. Lane está de casamento marcado com Chris Monroe, que o ama, apesar de sabê-lo um "yankee" ardoroso.

Lane é apanhado pelas autoridades ao se dirigir a Canyon City registrar os direitos de uma mina que descobriu, e apesar de protestar inocência é subjugado. A fúria incontida dos homens clama por vingança, embora o sherife proteste, todos querem fazer justiça pelas próprias mãos, isto é, enforcar Lane Waldron. Mas, êle é salvo por Brett Sherwood, capitão dos Confederados, que se dirigia ao encontro de Quantrell.

Apesar de ser grato pelo auxílio que Brett prestou-lhe, Lane muda de atitude para com o outro, ao saber que foi êle quem matou Braden. E uma idéia lhe vem ao cérebro: levar Brett ao Sherife, conseguindo, assim, provar sua inocência. Mas Brett consegue escapar-lhe. Chega Chris Monroe à procura de Lane, e o rapaz conta-lhe tudo a respeito de Brett Sherwood. Os dois conseguem descobrir o capitão e forçam-no a acompanhá-los.

Uma vez mais, Brett consegue livrar-se de Lane e numa luta que se segue, Lane tomba de um penhasco, fraturando a perna. E para Cris — que disse a Brett em têrmos duros o que pensa dêle e dos demais sulistas que reputa assassinos — é uma surprêsa ao vê-lo cuidar da perna de Lane, e além disso conduzí-lo a um abrigo.

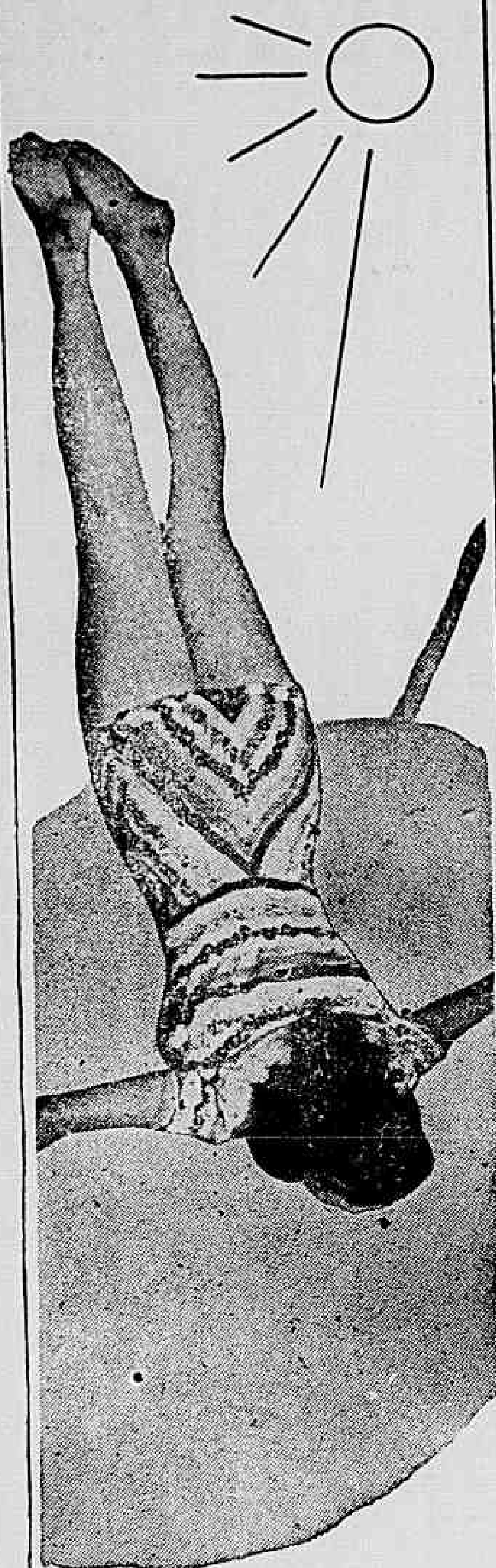
Quantrell e seus guerrilheiros aparecem inopinadamente, e Brett verifica que a tropa é composta quase que exclusivamente de índios Ute. Embora Chris tenha denunciado Quantrell como um carniceiro responsável por inúmeras mortes, entre elas a de seus pais e seu irmão, Brett o admira como brilhante general. A guerra — diz êle — é a verdadeira culpada daqueles morticínios. A princípio, Quantrell está satisfeito por encontrar-se com Brett, por considerá-lo útil à causa, mas quando Brett demonstra desagrado com os métodos que êle, Quantrell usa, começa a suspeitar. Brett toma parte na emboscada feita às tropas do Sherife, mas isto não basta para tirar as suspeitas que Quantrell tem de Brett.

Quantrell quer eliminar Lane e Chris, mas Brett, que já está apaixonado pela moça, alega que ambos são seus prisioneiros, e consegue salvá-los, revelando a Quantrell que Lane descobriu uma mina de ouro escondida. Devido à ferida na perna, porém, Lane não consegue dizer nada. Ansioso por descobrir, Quantrell permite que Chris vá buscar o Dr. Terry, em Broken Bow. O médico amputa a perna de Lane, mas o rapaz,, profundamente amargurado, recusa-se a falar.

E à tristeza que sente, junta-se-lhe agora o ódio por Brett, por perceber que Chris já ama o rapaz. Nesse interim, o Dr. Terry é morto pelos indios

(Cont. na pág. 34)

Uma cousa ...



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

Pequena história do cinema português

(Conclusão do número anterior)

Em 1935 a Tóbis Portuguêsa, com o seu estúdio já pronto a funcionar, produz o seu segundo filme. Intitula-se "As Pupilas do Senhor Reitor" e é extraido do romance homônimo de Júlio Diniz, obra de invulgar popularidade no nosso país. Dirige-o Leitão de Barros, que depois de uma ausência de alguns anos volta de novo ao cinema. Jorge Brum do Canto é o seu assistente, sendo de Heinrich Gaertner a fotografia. O filme, que alcançou um dos maiores êxitos de público de que há memória no cinema português, foi interpretado por Joaquim Almada, no Reitor, Leonor d'Eça e Maria Paula nas Pupilas, Antônio Silva e Maria Matos, atores de teatro de grande categoria, Paiva Raposo, Lino Ferreira, Emilia de Oliveira e Costinha.

Baseando-se num argumento original, Chianca de Garcia, que andara ligado à produção dos dois filmes de Tóbis a que fizemos referência, tem em "O Trevo de Quatro Fôlhas", único filme produzido no nosso país, em 1936, o seu primeiro trabalho diretivo no fonocinema. A grande vedeta Beatriz Costa, o ator brasileiro Procópio Ferreira, o grande artista cômico Nascimento Fernandes, Mafalda Evandauns, Augusto Costa "Costinha" e o desportista Waldemar Mota foram os principais intérpretes do filme, que teve como operadores o italiano Lamberti, o alemão Hameister e o suiço Barth, ao lado do nosso compatriota Salazar Diniz.

Estamos no ano de 1937. Dois filmes marcam a atividade do cinema português nesse periodo. São êles "A Revolução de Maio" e "Bocage".

O primeiro assume um significado muito importante no panorama do cinema português, pois é com "A Revolução de Maio" que fica marcado o inicio — duma participação importante e efetiva do Estado no campo da produção própria, no que respeita a obras de envergadura, e a uma continuidade de ação no setor do cinema. Fica a dever-se a Antônio Ferro, então diretor do Secretariado da Propaganda Nacional, tão importante passo na trajetória da Cinematografia Portuguêsa.

Produzido por aquêle organismo, sôbre um argumento original de Jorge Afonso e Baltazar Fernandes, e tendo como realizador Antônio Lopes Ribeiro e por operador o alemão Isy Goldberger, contratado especialmente para êste filme, "A Revolução de Maio" teve por intérpretes Maria Clara e Antônio Martinez, que neste filme faziam a sua estréia no cinema, Emilia de Oliveira, Alexandre de Azevedo, Francisco Ribeiro, Clemente Pinto, Luis de Campos, José Gamboa, Eliezer Kamenesky e Ricardo Malheiro. O pintor Antônio Soares foi o responsável pelos "décors" do filme, sendo Wenceslau Pinto o autor da música.

O outro filme dêsse ano é "Bocage", e Leitão de Barros o seu realizador.

Tendo por base um esboceto de Rocha Martins, e sendo de Matos Sequeira e Pereira Coelho a autoria dos diálogos do filme, que tem fotografia do operador suiço J. Barth e dos portuguêses Salazar Diniz, Aquilino Mendes e Otávio Bobone, "Bocage", em que é revivida a figura do grande poeta satirico português do século XVIII, que Raul de Carvalho personifica na tela, como obra de reconstituição duma época, apresenta-se com um grande aparato. Ao lado daquele conhecido ator aparecem, na distribuição do filme, os nomes de Maria Helena, João Villaret, Maria Castelar, a atriz brasileira Celita Bastos, Maria Valdez, Araújo Pereira, Antônio Silva, Tarquinio Vieira, Joaquim Pratas bem como, ainda que numa curta passagem filmada nos jardins do Palácio de Queluz, o tenor português Tomás Alcaide.

(*Continua*)

O ÚLTIMO . . .

(Cont. da pág. 29)

Ute, e certificando-se de que Quantrell é um maníaco que ambiciona controlar todo o Oeste, Brett rompe com êle. E, com Chris e Lane, parte dali, sendo seguido por Quantrell e seus homens. Refugiando-se numa caverna, são atacados por Quantrell, quando Brett resolve pedir auxílio em Broken Bow, enquanto Chris e Lane continuam a defender-se.

Brett chega, acompanhado das tropas federais e no tiroteio, Quantrell recebe um tiro ao tentar escapar. Brett também foi ferido, mas — felizmente para Chris — não é nada grave... Chris diz-lhe que Lane, ao morrer, confessou ser o assassino de Brandon, e também que a guerra terminara...

Mocidade, Saúde e Beleza:—
OS IDEAIS DA MULHER

A mocidade, a saúde e a beleza são as armas poderosas da mulher. Constituem, por isso, o seu máximo e supremo ideal. Grandes são, pois, os seus sofrimentos quando os males próprios do seu sexo a atingem e roubam a sua saúde, esgotam a sua mocidade e extinguem a sua beleza.

Tôda mulher tem o direito e o dever de defender e perpetuar a sua saúde, a sua mocidade e a sua beleza. Para isso precisa ela combater os males de seus órgãos genitais.

De duas naturezas diferentes são êsses males — os que originam as regras abundantes e hemorragias e os que produzem a falta ou a diminuição das regras. Para os primeiros: Regulador Xavier Nº 1. Para os segundos: Regulador Xavier Nº 2. O REGULADOR XAVIER é o remédio de confiança da mulher.

DE HOLLYWOOD

(Cont. da pág. 5)

ramo de trabalho onde tivesse maiores possibilidades de atrair a atenção de Hollywood. Por exemplo, ser modêlo, fazer pequenos papéis no palco, rádio ou televisão. Nada custa «auxiliar» um pouco o destino...

Mas, se a moça, ou rapaz, tem um talento ou um tipo de personalidade que Hollywood possa utilizar, então as possibilidades são de que a própria Hollywood irá procurá-los.

Êsse é o fascínio, o «glamour» que caracteriza Hollywood. Não se trata do atributo de uma pessoa — senão da própria cidade!

TRABALHOS GRÁFICOS

LIVROS E FOLHETOS

Tratar na Companhia Editôra Americana, rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio.

Telefone 22-8647.



O BRASIL RENDE HOMENAGEM A GLÓRIA SWANSON

O principal valor de Gloria Swanson, mais do que ter sido uma das mais famosas estrêlas do cinema mudo, é o fato de ter passado vinte anos pràticamente fora do alcance de uma câmara, para depois voltar em uma obra prima, como o foi "Crepúsculo dos Deuses".

Êsse filme, exibido o ano passado no Brasil, suscitou, de uns, a admiração inconteste, de outros algumas restrições, mas todos reconheceram nêle o ponto alto, o trabalho dessa magnífica atriz e mulher.

Recentemente, em eleição processada no Clube de Cinema do Rio de Janeiro, "Crepúsculo dos Deuses" recebeu quatro prêmios, entre os quais o de "melhor atriz", conferido à Gloria Swanson.

E' da entrega dêsse diploma o flagrante tirado no apartamento de Gloria em New York, onde podemos divisar a alegria demonstrada pela artista, ao receber, das mãos de Mr. William Piper, alto funcionário da Paramount em New York, essa prova de carinho e admiração dos fãs brasileiros por seu trabalho em "Crepúsculo dos Deuses".



Ao lado, no monumento em que Gloria recebe o diploma brasileiro, pelo seu trabalho em «Crepúsculo dos Deuses», cuja cena culminante damos abaixo.
(Fotos especiais)



POR TRÁS DOS MEXERICOS

O MOMENTO CRÍTICO DE CADA DIVÓRCIO

A Meca do Cinema tem estado ùltimamente presenciando uma série de conflitos matrimoniais de dolorosas consequências. Mas afinal, desde quando Hollywood se preocupa com um divórcio a mais ou a menos? Esta é a pergunta que nós fazemos interessados mais pelo escândalo do fato do que pelo drama em si. Por acaso essa gente não lutou por defender seu lar? O que produziu o desmoronamento? A estas perguntas queremos responder nesta reportagem. E tratemos também de examinar qual foi o momento crítico que determinou o rompimento do matrimônio...

QUAIS OS VERDADEIROS MOTIVOS QUE DETERMINAM A SEPARAÇÃO DOS CASAIS DE HOLLYWOOD ★ COLIGINDO DADOS E ESTUDANDO O CARÁTER DE CADA CASAL, CHEGAMOS A CONCLUSÕES QUE O LEITOR PODERÁ OU NÃO ACEITAR ★ CASOS CONHECIDOS E... DESCONHECIDOS QUE TALVEZ SIRVAM PARA UM ESTUDO PRELIMINAR SÔBRE A VIDA ÍNTIMA E AGITADA DOS ARTISTAS DO CINEMA

De ALBERTO CONRADO

(Dados coligidos de "Screen-Play" e "Photo-Play")

BÁRBARA E BOB

Ao comprovar as declarações à imprensa de Bárbara Stanwyck ninguém poderá negar que a estrêla amava profundamente a Robert Taylor. Retirou-se do convívio de seus amigos e conhecidos e tratou em vão de ocultar seu pesar...

Nos consta que Bárbara muito lutou para defender o carinho de seu marido. A história de seu divórcio tem-se comentado de diversas formas. Porém, sem dúvida nenhuma, o momento crítico produziu-se quando chegou a Hollywood a notícia de que Robert Taylor estava enamorado, como sabemos, de uma atriz secundária que trabalhava em "Quo Vadis". A primiera coisa que Bárbara fêz foi tomar um avião — apesar de odiar voar — e dirigir-se até Roma sem pensar contudo que chegaria a capital italiana na época em que a cidade é um fôrno e em que todo o mundo foge para procurar a brisa das praias e lugares menos sufocantes. Entretanto, para o amor não existem êsses obstáculos. Pareceu que a viagem tinha unido o casal. Mas apesar de tudo, a aparente felicidade durou pouco e a exigência de divórcio apresentada por Bob foi perentória. Bárbara não teve outro remédio senão baixar a crista e consentir... Já não podia fazer mais nada. Quais eram as divergências entre Bob e Bab? Pois a êle lhe fascina caçar e ela tem horror a êsse esporte; Taylor é um fanático aviador e sua mulher preferia andar por terra firme porque voar a assustava; Bob é sociável e sente-se encantado ao conhecer gente nova, enquanto que Bárbara prefere reunir em sua casa um grupo íntimo com o qual possa bater um papo. Mas... quantos matrimônios existem que possuem essas mesmas — e outras mais graves — disparidades de carateres sem que lhes ocorra pensar em separar-se? Bárbara é digna de admiração por muitos aspectos. Deixemos de lado suas condições como atriz e olhemos suas virtudes como mulher. Apesar de ser mais velha do que Robert Taylor estava satisfeita de sua madura idade. Jamais fêz nada por dissimular os fios de prata que abundam em sua cabeleira. Assegura que lhe agrada o cabelo canoso e, além do mais, lhe serve para ir a todos os lugares sem que ninguém a reconheça. E sua madurez mental é tão rica como a física, coisa que em realidade não prolifera no mundo... e muitos menos em Hollywood. Talvez fôsse essa madurez mental que inspirou Stanwyck a aceitar o divórcio e deixar a porta aberta da liberdade a Robert Taylor, seu marido...

O CASO DE GARY E ROCHY

Felizmente, esta crise matrimonial, teve como já sabemos, uma solução mais feliz. Gary Cooper e Sandra Shaw, sua mulher, mais conhecida como Rocky, reconciliaram-se, e... oxalá que para sempre. Quem conhece intimamente a Gary Cooper fàcilmente poderia suspeitar que sentia "um novo interêsse" muito antes do que aqueles rumores de seu entusiasmo por Patrícia Neal chegassem a divulgar-se em letras de imprensa. Sempre que nos olhos do ator brilha uma luz sentimental... vai até seu alfaiate. Faz uns vinte anos — ou ainda mais — e naquela época já era um astro de primeira magnitude, Gary Cooper exibia a roupa mais aparatosa que se possa imaginar. E, como se isso fôsse pouco, cruzava seu colete uma grossíssima corrente de ouro que pendia de seu relógio... Quando conheceu a cindessa Dorothy di Frasso sua vestimenta acusava inconfundìvelmente o entusiasmo que a nobre dama lhe tinha despertado porque, sob sua influência, seus trajes ficaram aristocràticamente opacos. Porém, voltaram a subir até o grau máximo de espetacularidade quando apareceu Lupe Velez na vida sentimental de Gary. Então era ver-se o ator de ternos espanpanantes, gravatas de côres berrantes, lenços coloridos saindo do bolso do palitó como cascata, etc. Depois, o amor por Rocky exercer um efeito de sedativo sôbre o espírito... e a vestimenta de Gary Cooper. Vestia desde então de forma natural e correta. A separação de Bob e Bab não teve carateres de "surprêsa bomba" que produziu a notícia do fracasso matrimonial dos esposos Cooper. Gary conheceu Rocky em 1932, antes de que fôsse a África na sua famosa expedição. Enquanto caçava leões, tigres e rinocerontes, a imagem da amada distante lhe mantinha alegre o espírito e palpitante o coração (apesar de que parecesse que aquêle estímulo podia ser produzido pela presença dos animais selvagens...) Apenas regressou casou-se com Sadra Shaw, jovem que iniciava promissòriamente sua carreira cinematográfica e que provinha de uma fa-



ROBERT MONTGOMERY
Seu casamento durou vinte e dois anos



GARY COOPER
Quando ama veste roupas berrantes



ROBERT TAYLOR
O avião. Um dos motivos de seu divórcio

mília bastante aristocrática de Nova York. Mas Rocky não era uma empinada dama da sociedade como muita gente pensou; nem tampouco pode caber a menor dúvida de que Gary casou-se por amor e não para escalar uma posição mais brilhante... Por outro lado, os problemas que perturbaram o lar dos Cooper não parece que foram sòmente provocados por Gary. Falou-se de que Rocky simpatizava com certo professor de esqui como também lhe não era indiferente, um bonitão galã de Mannattan. Isso faz supor que o momento crítico foi provocado por certo inquietude que tinha-se produzido em ambos naturalmente de uma forma isolada. Atualmente estão em aparente boa harmonia depois da reconciliação que se verificou na Páscoa de 51. Muitos acreditam que a união será perdurável levando em consideração que Gary e Rocky sofreram uma amarga experiência com o rompimento: que ela é uma católica fervorosa e que ambos fariam qualquer coisa por defender a felicidade de Maria, a filha de quatorze anos, a quem adoram. Entretanto, insiste-se que, sob a aparente calma, voltam a produzir-se desinteligências constantemente.

ESTRONDOSO FRACASSO

Seria cair numa repetidão insistir nos detalhes que acompanharam o enlace mais promissor e retumbante dos últimos tempos; ou seja, o de Elizabeth Taylor e Nick Hilton. O que agora nos interessa analizar são os simples motivos do fracasso. De certo que, nas privadas confissões que fêz a estrêla ao juiz, para obter seu divórcio, sairam coisas tão tremendas como as pronunciadas por Shirley Temple contra John Agar. Sòmente que as de Hilton tem tido... por agora... menos publicidade. Em realidade, acredita-se que antes do rompimento, com um casamento e lua de mel sensacionais, viajando nos barcos mais luxuosos, vivendo nos hotéis mais esplêndidos e percorrendo belos países, a dupla não estava preparada para o casamento e a culpa não pode ser exclusivamente atribuida aos jovens recém-casados. Isso vem de trás e muito contribuiram os pais. Tanto Nick como Liz foram adolescentes demasiadamente mimados em seus lares. Deslumbraram-se com um amor repentino e se casaram depois de um noivado tão curto que quase eram estranhos um para o outro depois de pronunciados os votos... Elizabeth encarou o matrimônio de uma forma ideal e romântica — influenciada quiçá pelo nicena — ou talvez fôsse que com outro homem menos "apegado a terra" essa conduta teria dado resultado. Porém a Nick — filho de um magnata de hotéis — que pôde ter tudo quanto desejasse, aquela atitude pueril lhe pareceu bastante cacete. Acostumado a fazer sempre o que quis tampouco se deteve em considerações sentimentais. Passava largas sessões noturnas no Cassino de Monte Carlo enquanto Liz chorava sòzinha seu abandono. E como amanhecia cansado da trasnoitada, a recém-casada tinha que ir só — ou, simplesmente, acompanhada de uma amiga — para a praia. A desilusão de ambos foi demasiadamente definitiva. Nick não aceitou viver em segundo plano: e Liz achou que o matrimônio era completamente diferente como o tinham forjado suas ilusões. Não tiveram tempo de vencer obstáculos. Separaram-se ainda mais bruscamente do que se uniram. Foi o polo oposto dêsses matrimônios em que os obstáculos — falta de dinheiro, diferenças e oposições — parecem estimular o amor...

RENÚNCIA SILENCIOSA

Betty, a espôsa de Robert Montgomery, aceitou em silêncio o divórcio que lhe pedia seu marido apenas compreendeu que êle estava apaixonado de Elizabeth Harkness e que não se tratava de um capricho passageiro. Seu renunciamento foi doloroso já que ninguém poderia duvidar da profunda devoção que Betty nutria por Montgomery. Muitos a criticaram porque as vêzes parecia ligeiramente dominadora. Porém isso devia-se a que durante os vinte e dois anos de matrimônio, Betty arranjou a vida de Bob de forma a satisfazer-lhe seus gostos. Tanto na sua casa como na de seus amigos e restaurantes ela supervisionava os coquetéis de Monty para que estivessem do seu agrado; e, mais ou menos o mesmo acontecia com as comidas, etc. Para Betty converteu-se num hábito fazer agradável a vida de Bob e êsse desejo foi tão sincero como o feito de ter ido voar até Las Vegar e dar-lhe a liberdade que êle queria para ser feliz... Quem nunca estêve em Hollywood, quem nunca privou com artistas de cinema, quem não conheceu as estrêlas na sua vida cotidiana, não chega a compreender o quanto dói a falta de intimidade em que vivem, e até supõe que para a gente de cinema o matrimônio carece de importância. Muito longe está isso da realidade. Tanto o casal Taylor como Montgomery, o Cooper, etc., lutaram por conservar seu lar. De outra forma não teriam mantido o casamento durante tantos anos, em meio da tensão e esfôrço em que se debate constantemente a vida conjugal das primeiras figuras da tela. Betty Huton e Ted Briskin também pugnaram para defender sua união, bastando não importar-lhes o ridículo que poderia significar suas constantes reconciliações e rompimentos. Os partidários de Betty asseguram que o culpado foi Ted, já que não lhe importava que Betty carregasse sòzinha com a responsabilidade do lar. Talvez seja. Porém nem todo o mundo pode compreender até que ponto é grande a ambição, a tenacidade, o empenho que movem a Betty. Estas qualidades se desenvolveram nela até um grau anormal durante todos os anos em que lutou para impôr-se desde a maior pobreza e anonimato até a situação em que agora se encontra (não esquecer que Cecil B. de Mille outorgou-lhe o papel principal de "The Greatest Show on Earth"). Sòmente um indivíduo de fôrça de vontade extraordinária poderia marchar ao seu lado. Porém sabemos que dois dínamos não andam bem juntos e, quiçá, nunca consigam atrair-se Isto não significa que Betty, igual que qualquer outra mulher, não desejasse um marido amante em que pudesse apoiar-se. Mas não conseguiu que Ted a acompanhasse na sua marcha de inesgotável energia e, seguramente, ao não obter a tão ansiada felicidade matrimonial, Betty pagou o preço caro que podia ter dado pelo seu êxito como atriz... Sòmente Deus sabe o quanto têm lutado Linda Darnell e Pev Marley pelo seu matrimônio. Separaram-se uma dúzia de vêzes para intentar depois começar novamente. Linda casou-se, apesar de que Pev a advertiu em muitas ocasiões, que, embora a amasse no seu íntimo, a diferença de anos poderia ser prejudicial para a felicidade do matrimônio. Mas Linda via naqueles anos em que seu marido a reparava uma promessa de seguridade e de serenidade. Linda era uma garôta de Texas que nada sabia da vida. Pev já tinha sua experiência, como também a tem a estrêla neste momento que muito aprendeu. Segura de si mesma, Linda talvez quizesse conhecer um pouco daquilo tudo que perdeu na juventude. Mas de nenhuma maneira pode ser esta inquietude o que produziu o momento crítico do seu divórcio...



BOB TOPPING e LANA TURNER
A loura estrêla não consegue acertar



MARK STEVENS
Uma exceção a regra na onda divorcista

ESTÁ QUASI NA HORA!

TIC-TAC

•

Uma seção humorística de

LEON ELIACHAR

•

A partir de junho, na "Revista da Semana"

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero. Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de de Música de São Paulo.

LEGIÃO DOS DESESPERADOS

(Cont. da pág. 10)

Entretanto, a caravana chega ao acampamento de ouro denominado «A enseada dos Anjos», depois de escapar de um ataque dos índios. Rose, apaixonada por Pete, pede-lhe que a leve com êle. O rapaz, fazendo talvez a primeira coisa decente de sua vida, manda-a voltar para Jacob, convencendo-a brutalmente de que ela não significa nada para êle. A caravana segue para um distante vale, a fim de construir sua comunidade, pois está interessada em cultivo, não em ouro. Temerosos de serem reconhecidos como forajidos, Pette e seus companheiros resolvem seguir com êles. Jacob espera converter a Pete, que, no fim, enfrenta deliberadamente a morte, defendendo, com seus comandados, a paz da comunidade. Mais tarde, Rose desposa Jacob, como solução à extinção daquele amor impossível...

HOMENS DO JAZZ

(Cont. da pág. 23)

mento. A princípio foi passando desapercebido e mais tarde, esquecido por completo. Patético foram os últimos dias da vida de King Oliver. Estava na mais horrível miséria e já não era nada. Os poucos dólares que lograva reunir nos lugares onde trabalhava, não bastavam para cobrir os gastos que sua atenção médica exigia. Quando faleceu, em 1938, se teve um funeral discreto, foi porque sua irmã se incumbiu do mesmo. Mas em seu túmulo jamais houve uma lápide funerária, tampouco há uma.

Oliver, como a maior parte dos intérpretes do ragtime de New Orleans, hoje em dia é apenas algo mais que um mero nome (se o é) para os cultores do jazz. Existem todavia alguns de seus discos, mas que ouvidos nos revelam todo o alcance de suas faculdades, tal como foram descritas e elogiadas pelos que o ouviram pessoalmente.

★

Se consumava o desmoronamento do império musical de New Orleans. Pouco tempo depois da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, Storyville se acabava, por ordem expressa do Secretário da Marinha, Josephus Daniels. Idêntica sorte tiveram os lupanares, as tabernas e as casas de jôgo. Teria lugar em New Orleans um verdadeiro êxodo de meretrizes e músicos de jazz. Na realidade, os intérpretes do ragtime haviam começado a abandonar essa cidade desde algum tempo, pôsto que sua popularidade estabeleceu-se sòlidamente em Chicago, onde tornava-se mais insistente o interêsse pelos melhores músicos. Como as condições alí imperantes eram muito mais razoáveis e excelentes salários, muitos dêles seguiram o exemplo de Freddie Keppard. O dissolvimento de Storyville foi em consequência o episório final da desintegração musical que acontecia desde algum tempo. E de New Orleans, o centro de execução do Ragtime passou para Chicago.

DIFUSÃO DA MÚSICA . . .

(Cont. da pág. 8)

a aceitação que a nossa música obteve por intermédio de Dick Farney, que êste se viu obrigado a renovar seu contrato por diversas vêzes. Sendo Dick Farney um dos melhores intérpretes do nosso samba-canção, onde criou um novo estilo, é também um perfeito cantor desde um "swing" ao mais dolente "fox-blue". Terminada a sua temporada no Uruguai, Dick embarcou para a Argentina.

Na noite de 16 de maio, as luzes do grande auditório da Rádio Splendid foram apagadas, e o locutor anunciou: "Dick Farney, "El Embajador de la musica brasileña". Uma faixa de luz cortou a sala envolta em penumbra, indo focalizar o cantor patrício que depois de cumprimentar o público, iniciou o programa cantando "Uma loira", sua criação de maior sucesso naquele país. Outras melodias vieram e para cada uma delas, foi convidada como madrinha, grandes nomes da radiofonia argentina como: Elvira Rios, Lita Landi, etc. Êste programa que marcou o início de uma série, foi escrito e montado especialmente para Dick Farney na noite de inauguração dos novos estúdios daquela emissora. Paralelamente com suas apresentações no rádio, será a atração principal da boite "Rendez-Vous" por uma longa temporada. Inteligentemente a Continental Discos, entrou em negociações com a fábrica portenha "TK" para que as gravações de Dick fôssem lançadas naquele país ."Uma loira", "Meu êrro", "A saudade mata a gente" e muitas outras estão alcançando uma vendagem, que dificilmente será igualada por outro cantor patrício. Recentemente foi lançado na Argentina um Long-Play contendo quatro sambacanções em uma das faces e outras quatro constituidas das mais belas páginas da música americana como: "Tenderly, "Route 66", e outras. Dick Farney levado pelo amor à nossa música, reune sempre que há oportunidade, jornalistas, cronistas especializados e músicos para interessantes palestras e depois senta-se ao piano e canta com aquele seu modo que lhe deu fama em todo o mundo. A excursão de Dick não terá o seu término na Argentina, irá também a Espanha, Portugal, Estados Unidos e outros países, e com êle vai também nossa música, tornando-se mais conhecida e apreciada por outros povos. Felcidades, e de coração agradecemos.. Dick... de América.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente voluvolumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

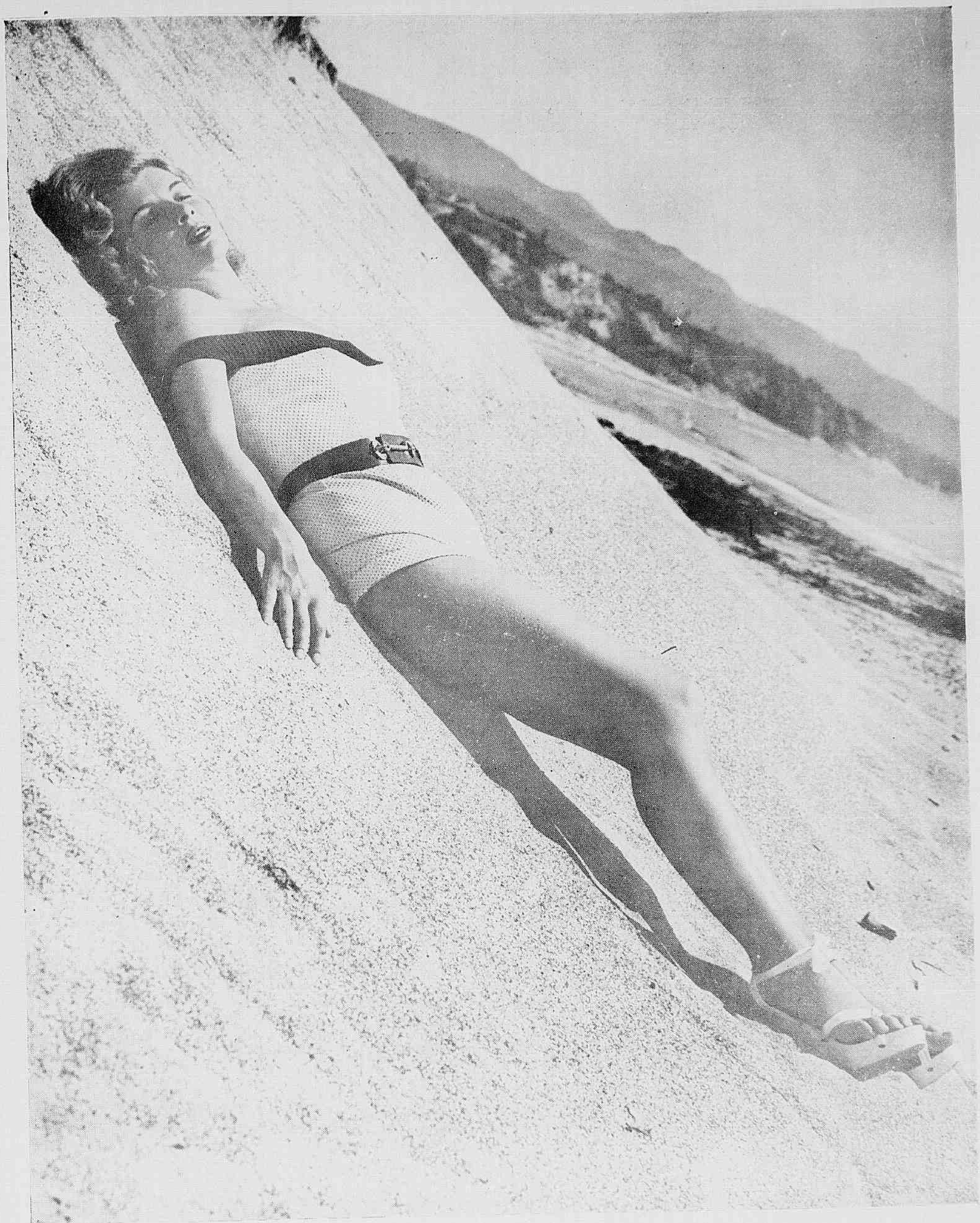
Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

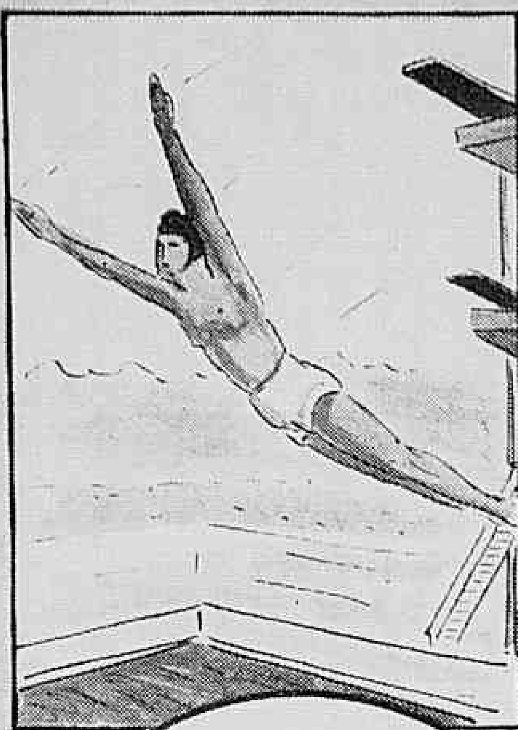
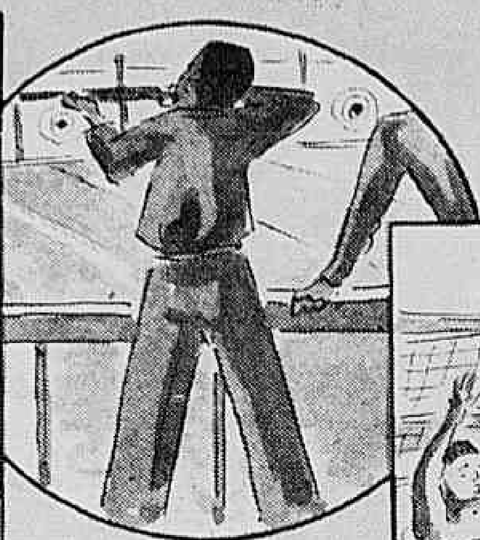
Rua Direita, 191 — 6º andar

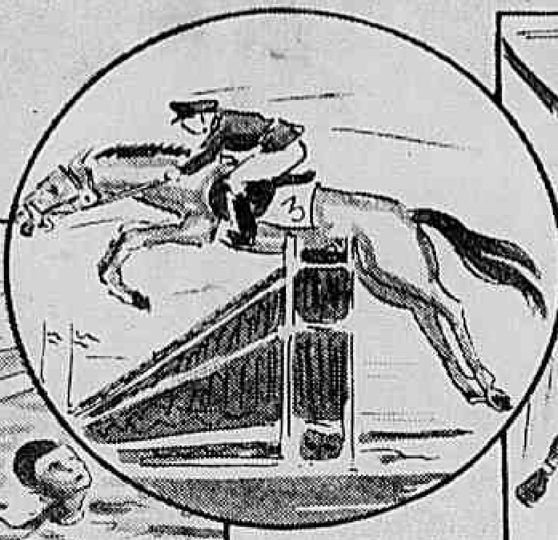
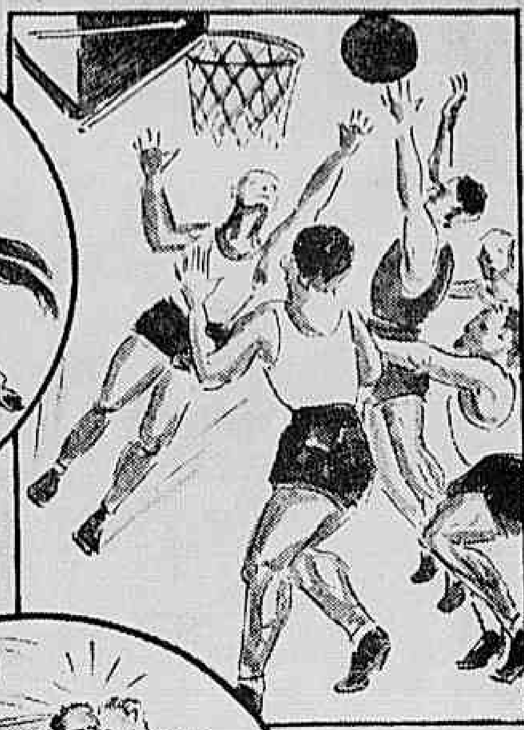
SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso.



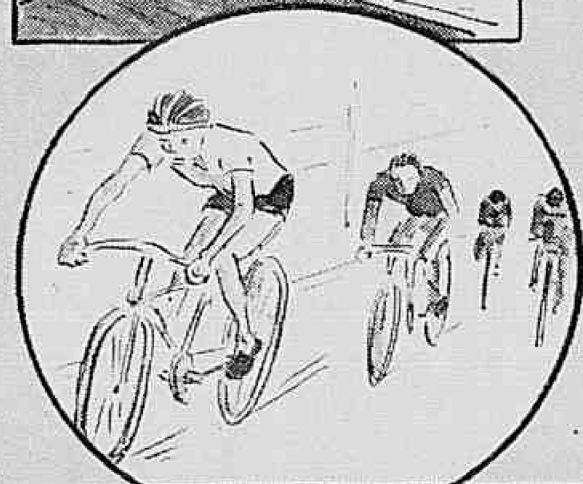
CORINNE CALVET descansa alguns momentos antes de entrar em filmagem na fita "O Preço da Glória" (Foto Fox)

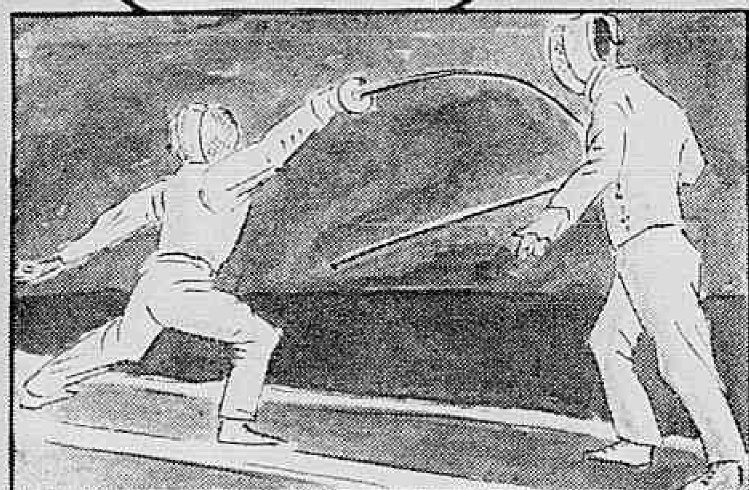
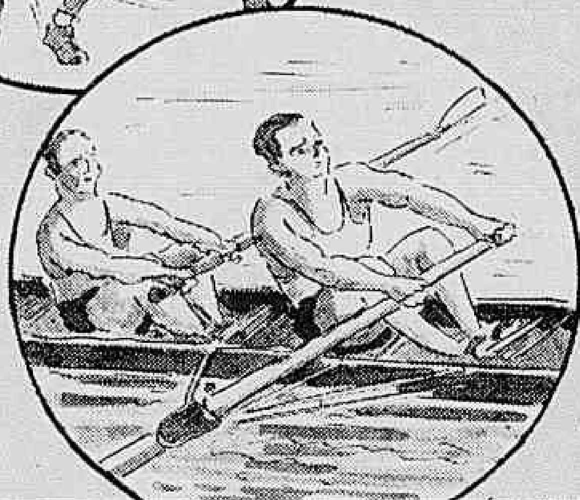



SEJA QUAL FÔR
O SEU

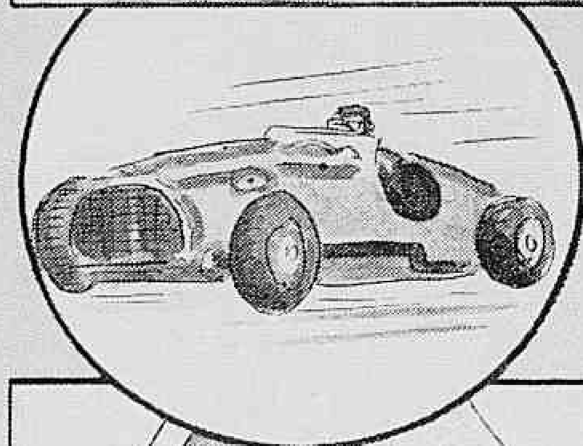
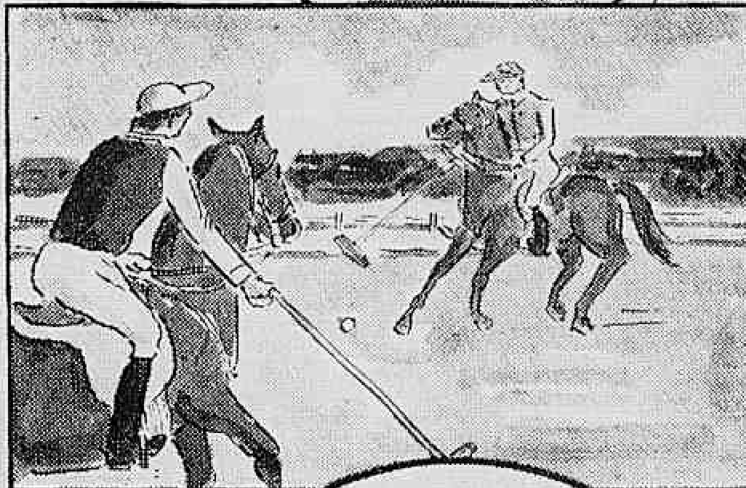
esporte favorito



OS CAMPEÕES
ESTATISTICAS
FOTOGRAFIAS

TUDO
ENFIM!
NO

ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado

BREVEMENTE
EM TODAS AS
BANCAS

